



Departamento de Sociologia

Multitasking na Sociedade em Rede:
diferenças geracionais nas atividades realizadas em regime de
multitarefa

Vera Lúcia Ascensão Alves Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Prof. Doutor Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso, Professor Associado com
Agregação
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:
Mestre Tiago José da Lapa Silva, Investigador do CIES
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2013

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Gustavo Cardoso e ao Professor Tiago Lapa pela orientação, apoio e sugestões dados.

Aos meus pais, avós e ao Pedro, pelo encorajamento constante, incentivo e orgulho.

À Daniela e à Ana pelas discussões, encorajamento, amizade e paciência.

À Ana, ao Miguel e à Maria João pelo apoio de “mosqueteiros” durante todo o percurso do mestrado e amizade e apoio constantes.

À Joana, à Dina, à Arlete, à Patrícia, à Rita e à Racheal pela alegria diária, amizade e encorajamento.

À Isabel, à Angélica, à Sofia e aos restantes colegas do Coro por encherem a minha vida de música e entusiasmo, mesmo durante os *adagios*.

À Mafalda, à Cláudia, à Filipa, à Rita, à Ana, à Sofia, ao Nuno, ao Paulo, ao Filipe, ao Migue, ao Cristiano, ao Ruben, à Ylenia, ao Nuno A. e à Joana G. pela amizade e incentivo.

Resumo

A caracterização de gerações pela sua relação com a tecnologia é tomada como pressuposto teórico por autores como Prensky e Tapscott que delimitam grupos etários com base nesta dicotomia, o que faz com que certas práticas, como o multitasking, sejam associadas às gerações mais jovens. O presente trabalho visa desenvolver uma análise exploratória da relação entre idade e as práticas de multitasking, aplicando outras variáveis e colocando em confronto visões de autores como Buckingham e Livingstone. A análise efetuada sugere a existência de um quadro mais complexo do que o inicialmente apresentado, baseado numa relação direta entre aqueles dois fatores. Assim, este estudo pretende contribuir para a discussão sobre as práticas de multitasking através da análise de novas variáveis, como a literacia e/ou o sexo, que podem ser importantes para o quadro explicativo daquelas. A presente dissertação pretende, assim, explorar esta relação, tentando questionar se existe uma diferença geracional no modo como as pessoas realizam atividades em regime de multitasking.

Palavras-chave: multitasking, geração, literacia, tecnologia

Abstract

The characterisation of generations based on their relationship with technology is used as a theoretical assumption in theories of authors such as Prensky and Tapscott that limit age groups based on this dichotomy, associating practices such as multitasking to younger generations. The present work aims to develop an exploratory analysis of the relation between age and multitasking, applying other variables and bringing to this discussion the theories of authors like Buckingham and Livingstone. The analysis that was carried out seems to point to a more complex picture than the one initially stated, based on a direct relationship between those two factors. This study aims to contribute to the knowledge of multitasking practices through the analysis of new variables, such as literacy and/or gender that might be important to the explanatory framework of such practices. The present work intends to explore this relationship, trying to question whether there is a generational difference amongst people who perform multitasking activities.

Keywords: multitasking, generation, literacy, technology

Índice

Introdução.....	1
1. Revisão de Literatura.....	3
2. Conceptualização e problemática.....	12
2.1 Modelo de análise.....	12
2.2 Metodologia.....	14
3. Análise e discussão de resultados.....	17
Posse de equipamentos.....	17
Utilizadores de internet.....	21
Tempo médio por atividade.....	23
Realização de atividades simultâneas.....	30
Considerações finais e perspectivas de futuro.....	37
Fontes.....	40
Bibliografia.....	41
Anexos.....	I
CV.....	IV

Índice de Quadros

Quadro 2.1 - Modelo de análise.....	13
Quadro 3.1 - Posse múltipla de equipamentos, em 2010 (%).....	20

Índice de Figuras

Figura 3.1 - Comparação de posse de equipamentos entre 2006 e 2010 (%).....	18
Figura 3.2 – Percentagem de utilizadores e não-utilizadores de internet em 2006 e 2010, por escalão etário (%).....	22
Figura 3.3 - Utilizadores e não-utilizadores de internet em 2006 e 2010, por nível de instrução mais elevado obtido (%).....	23
Figura 3.4 - Utilizadores de internet através de equipamentos sem fios nos anos de 2006 e 2010 (%).....	25
Figura 3.5 - Tempo médio por semana gasto a utilizar a internet através de equipamentos sem fios em 2006 e 2010 (%).....	26
Figura 3.6 - Tempo médio gasto por semana a ver televisão, ouvir rádio, ler jornais e jogar videojogos, em 2006 e 2010 (%).....	28
Figura 3.7 - Tempo médio por semana gasto a socializar com amigos e familiares fora do ambiente de trabalho/escola (%).....	30
Figura 3.8 – Realiza outras atividades quando está online? Dados de 2010.....	32
Figura 3.9 - Quando costuma ouvir música no leitor de mp3, em 2006 e 2010 (%).....	34
Figura 3.10 - Atividades realizadas com o telemóvel em 2006 e 2010 (%).....	36

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de informação e comunicação e os denominados novos media parecem ser adotados cada vez mais cedo pelos jovens sendo, por isso, usados como elemento identificador para os qualificar, enquanto pertencentes a uma determinada geração. Esta característica, que coloca uma etiqueta a uma determinada geração com base na sua relação com a tecnologia, é usada como pressuposto teórico por autores como Prensky e Tapscott, que os identificam com base nesta ligação, e generalizam esta característica para todos os indivíduos que pertencem a uma mesma geração.

Há, assim, uma dicotomia central no que a esta ideia concerne, que opõe gerações e as suas práticas e usos da tecnologia, delimitando grupos etários pela apropriação que fazem daquela. Os denominados “nativos digitais” de Prensky (2001a, 2001b, 2006) e a “geração internet” de Tapscott (2002, 2008) são dois exemplos que personalizam esta oposição e cujas características derivam de uma classificação baseada nestes dois fatores. Na verdade, a influência das tecnologias tem, segundo Tapscott (2002), mais impacto do que forças sociais ou históricas no surgimento e caracterização de uma geração.

No entanto, o impacto da tecnologia no quotidiano de jovens e adultos nem sempre é fácil de analisar, dado que a evolução desta se foca, cada vez mais na atividade do que na plataforma (Foehr: 2006) e é, por vezes, utilizada de modo simultâneo para realizar as mais diversas tarefas. Esta simultaneidade, o denominado multitasking, é, pois, comumente relacionado com a geração a que um indivíduo pertence, sendo uma característica associada aos mais jovens (Prensky: 2006).

As práticas de multitasking são vistas enquanto consequência do mundo mediático e imediato em que vivemos (Salvucci e Taatgen: 2011), sendo que as gerações mais novas, que nasceram num ambiente onde a relação com a tecnologia se estabeleceu logo na infância, adquiriram competências que lhes permitem processar informação rapidamente e realizar processos paralelos, como tarefas em regime de multitasking (Prensky: 2001a).

A presente dissertação pretende, assim, explorar esta relação, questionando possíveis diferenças no modo como as pessoas realizam atividades em regime de multitasking. Considerando as teorias apresentadas sobre o modo como as pessoas se relacionam com a tecnologia, numa época em que as práticas de multitasking se tornaram associadas a uma cada vez maior aparente penetração daquela nos lares dos portugueses bem como a perceção, que também se baseia no senso comum, de que as gerações mais novas têm como característica

comum e definidora a realização de tarefas em modo de multitasking, este trabalho pretende contribuir para esta discussão, tentando clarificar este fenómeno.

Serão colocados em debate os pressupostos teóricos de autores como Prensky e Tapscott, que consideram existir uma clivagem entre gerações com base na tecnologia, e outros autores como Buckingham e Livingstone que analisam as limitações das suas teorias, encarando-as como uma verdade parcial que deve ter em conta outros fatores de análise, além da idade.

Assim, serão desconstruídos os conceitos centrais da temática - geração e multitasking, considerando que ambos devem ser encarados enquanto conceitos multidimensionais e que não devem ser analisados de modo independente, mas em relação com outras variáveis¹.

As teorias evidenciadas serão aplicadas à realidade portuguesa sendo analisados os dados dos inquéritos “Sociedade em Rede” de 2006 e 2010, realizados pelo OberCom - Observatório da Comunicação. Os dados vão permitir explorar novas evidências no que concerne à relação entre gerações e práticas de multitasking, colocando em evidência algumas debilidades das teorias acima explicitadas que sugerem que a idade é um fator diferencial e explicativo no modo como aquelas práticas se manifestam e os indivíduos se apropriam da tecnologia.

Tentar-se-á evitar generalizações de modo a permitir o reconhecimento de eventuais variações entre gerações, abrindo caminho para futuras linhas de investigação com o intuito de melhor apreender as especificidades desta temática. O trabalho irá terminar com a argumentação de futuras linhas de investigação.

¹ Embora existam várias perspetivas para analisar as tarefas realizadas em regime de multitasking, envolvendo áreas do conhecimento que vão da psicologia às questões da educação, efeitos cognitivos, entre outros, a presente dissertação visa analisar estas práticas através de uma perspetiva sociológica.

1. REVISÃO DE LITERATURA

O modo e capacidade de se fazer multitasking são, muitas vezes, associados enquanto características identificativas de uma determinada geração. Este pressuposto está patente em teorias de autores como Prensky e Tapscott que consideram que a idade é um fator diferencial no que se refere às práticas de multitasking. Esta ideia parece apoiar-se em ideias do senso comum e observações do dia-a-dia, mas, de modo a evitar generalizações, serão postas em relação pelo presente trabalho, onde se irão esclarecer, previamente, os conceitos em debate de modo a clarificar a análise que se seguirá.

No que concerne ao conceito de “geração”, este é visto por muitos autores como delimitada no espaço e no tempo. Mannheim (in Buckingham e Willet: 2006) afirma que as gerações estão ligadas pelo facto de experienciarem determinados eventos históricos e partilharem consciência coletiva sobre os mesmos (in Edmunds e Turner: 2005), bem como pelo facto de se constituírem em relação ao seu tempo cultural, social e histórico (Corsten in Colombo e Fortunati: 2011).

Edmunds e Turner (in Buckingham e Willet: 2006) definem o conceito de geração enquanto relacionado com uma faixa etária que tem um determinado significado social porque se constitui como uma identidade cultural. Nesta perspetiva, o conceito de geração tem implícito uma característica histórica mas também cultural, sendo que a afinidade entre indivíduos da mesma geração parece ser determinada pela partilha dos mesmos conteúdos enquanto fator determinante nos processos de socialização dentro deste grupo (geracional) (Aroldi e Colombo: 2007).

Esta partilha é facilitada pela utilização dos media que constroem a experiência do indivíduo. O seu impacto, segundo Aroldi e Colombo (2003), é maior na infância e na adolescência tendo repercussões futuras nos hábitos e padrões de consumo daquele. A construção de uma memória comum, de uma matriz de consumo, resulta, pois, da experiência e de uma alfabetização face aos media (Aroldi e Colombo: 2003).

De notar que os rituais que estão codificados como pertencentes a uma geração apenas são identificados quando a geração se reconhece enquanto tal (Colombo e Fortunati: 2011), o denominado “*we-sense*” que Corsten refere (Corsten in Colombo e Fortunati: 2011).

Mas a identidade, sendo algo único que cada um de nós possui, implica, ao mesmo tempo, a existência de um relacionamento com um mais amplo coletivo ou grupo social (Buckingham: 2008). As identidades estão constantemente a ser construídas e afirmadas não

apenas pela comparação entre presente e futuro, mas também pela reconstrução do passado de uma coletividade (Alexander et al.: 2004).

É neste ponto que a identidade se relaciona com os media e as tecnologias dado que, pelo facto de serem usadas diariamente, têm consequências de âmbito social (Buckingham: 2008).

Autores como Edmunds e Turner (2005) afirmam que os media têm um papel cada vez mais importante na formação de movimentos geracionais. Também Aroldi (in Colombo e Fortunati: 2011) defende que os media desempenham diferentes papéis em distintos momentos na construção de uma identidade partilhada, e que são afetados por condicionantes socioculturais e tecnológicas. Isto ocorre porque os media são, não só, um fator presente na nossa sociedade, mas também porque eventos históricos, e mesmo as formas simbólicas dos valores culturais, são mediados por eles.

Assim, e em linha com o pensamento de Manheim - que refere que existem unidades geracionais, i.e., grupos concretos de pessoas da mesma idade que (re)agem de modo semelhante face a determinadas situações, Corsten (in Colombo e Fortunati: 2011) refere que as gerações se constituem pela definição da nova situação histórica através de um processo de reconfiguração, sendo esta reinterpretação e reconfiguração feita pela geração mais nova, e permitida pelo desenvolvimento dos media que oferecem novas possibilidades para mediar a experiência coletiva.

É esta retórica que estará em evidência neste trabalho e que defende que os denominados novos media e a tecnologia têm um impacto direto no surgimento e definição de gerações, sendo que as mesmas são caracterizadas pelo uso que fazem daqueles (Buckingham e Willet: 2006).

É na sequência destas ideias que autores como Prensky e Tapscott defendem que as gerações podem ser facilmente delimitadas, dado que partilham características comuns.

Prensky (2001a, 2001b, 2006) analisa as gerações considerando a idade como fator diferencial e distingue entre dois campos opostos: os “nativos digitais” e os “imigrantes digitais”, sendo que os primeiros nasceram num ambiente rodeado de tecnologia, sendo detentores de uma grande capacidade de multitasking e detentores de uma visão global, enquanto os segundos se relacionaram com aquela num período mais tardio da vida, tornando-se cada vez mais estranhos no que a este novo mundo digital concerne.

Tapscott (2002) vê a questão da geração através de uma oposição binária entre tecnologias e gerações, sendo importante, como refere o autor (2008), compreender algumas

questões demográficas para entender diferenças geracionais, dado que cada geração é exposta a um conjunto de eventos que define o seu lugar e características.

Aplicando a questão da oposição binária entre tecnologias, como refere Tapscott (2002), de modo a caracterizar uma geração - a título exemplificativo, a “geração internet” -, o autor verifica que as diferenças geracionais se produzem através da tecnologia, e não tanto em função de forças sociais ou históricas, permitindo aquela desenvolver as práticas e representações dos membros de uma geração (Aroldi in Colombo e Fortunati: 2011).

Os “nativos digitais” de Prensky e a “geração internet” de Tapscott podem ser comparáveis quanto às suas características mais inquisidoras e “interativas”, sendo consideradas como uma geração mais analítica e com pensamento crítico (Buckingham: 2008). Os seus conhecimentos e competências adquiridas permitem identificar diferentes gerações, podendo quase ser vistas como blocos de indivíduos idênticos que partilham uma identidade comum. As ideias destes autores fizeram derivar uma classificação diferenciadora de gerações baseada na idade e na relação com a tecnologia.

Assim, aqueles que cresceram num ambiente rodeado pelas novas tecnologias de informação e comunicação começaram a ser denominados de “geração internet”, “geração digital” e outras (Edmunds e Turner: 2005), numa clara associação entre estes fatores. As definições mais comuns para as gerações mais recentes são, pois, influenciadas pelas tecnologias digitais (Colombo e Fortunati: 2011).

A título exemplificativo, as diferenças entre a geração “Baby Boom”, muitas vezes cunhada de “geração TV” (1946 – 1964) e a “geração em rede” ou “geração internet”, nascida após 1977, composta pelos filhos da geração pós Segunda Guerra Mundial, centram-se na diferença entre tecnologia passiva e ativa, singular e interativa. A “geração internet” tem hábitos diferentes das anteriores, vendo menos televisão e de modo diferente, sendo mais comum interagir com diferentes meios (Tapscott: 2002, 2008). Seguindo uma caracterização sugerida por Cardoso (2006) no que concerne à relação entre gerações e a televisão, podemos identificar em Portugal duas gerações: a “geração iniciática” (1950-1966) que viveu a infância com a denominada paleo-televisão, num regime autoritário, e a “geração multimédia” (depois de 1985) que experienciou uma dualidade de ecrãs: da televisão e do computador pessoal, sendo que, entre estes dois períodos, se pode identificar uma geração de transição que cresceu com esta mudança de paradigma. Se relacionarmos os indivíduos com o modo como se apropriaram da internet, Cardoso (2006) divide-os entre “geração não informacional” e “geração informacional”. Na primeira, podemos identificar dois momentos: o da “geração não informatizada” (1943-1952) que não teve contacto com computadores na sua infância e

adolescência, e a “geração paleo-informacional (1953-1965) que teve, em algumas situações, contacto indireto com organizações influenciadas pelo uso de computadores, sendo que o contacto direto com os computadores apenas ocorreu durante a sua vida profissional. No que à “geração informacional” concerne, podemos também subdividi-la em “1ª geração informacional” (1966-1977), que experienciou os computadores pessoais no final do período da adolescência, e “2ª geração informacional” (1978-1988) que teve contacto com aqueles na infância e durante a adolescência, tendo também assistido à massificação da internet.

Esta linha entre media e tecnologia é muito ténue, e os aparelhos passaram a ser cada vez mais vistos apenas como um meio para realizar determinadas atividades, pelo que o ponto central se tornou a atividade em si e não a plataforma (Foehr: 2006). As tecnologias móveis tornaram as pessoas “em nódulos numa rede quase sempre contactáveis” (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009: 89).

Esta característica permitiu que a “geração internet” de Tapscott se tornasse global sendo considerada única devido à internet e ao seu alcance, facto que permitiu que uma verdadeira geração global pudesse emergir (Tapscott: 2008). Na perspetiva de Tapscott, a tecnologia permitiu mudanças fundamentais em várias áreas, criando novos estilos de comunicação e interação, bem como novas formas de criar comunidades (Buckingham: 2008).

De notar que, o modo como os jovens usam a internet, por exemplo, e os rituais com ela relacionados (que também dependem de fatores como o sexo, cultura, localização, entre outros) apenas são reconhecidos por estes como únicos quando aqueles se comparam com outros, i.e., quando se começam a reconhecer enquanto geração (Colombo e Fortunati: 2011). O uso das novas tecnologias e media reflete e reforça o sentimento de identidade dos mais jovens e o modo como retiram sentido do mundo em que vivem (Hardey in Colombo e Fortunati: 2011).

Cardoso (2006) também refere a existência de traços intrageracionais comuns no que concerne ao relacionamento com tecnologias, bem como nas práticas e valores, identificando uma incorporação natural da tecnologia na geração que nasceu nos anos ’80 ou depois.

O modo como a tecnologia é apropriada, em particular pelos jovens, traz alterações sociais (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009), dado que a tecnologia influencia o modo de pensamento e comportamento destes, mas, reciprocamente, este comportamento também influencia e molda aquela (Tapscott: 2008). Estas mudanças oferecem oportunidades de reconfiguração na sociedade num processo sempre em curso (Corsten in Colombo e Fortunati: 2011).

Mas estas generalizações não permitem reconhecer variações dentro de cada grupo etário, trazendo o perigo de atribuir características idênticas a toda uma geração.

Deste modo, é importante trazer para a discussão em progresso as ideias de Buckingham (2008), que considera que a visão binômica de Tapscott, embora reflita diferenças importantes, é simplista por contrastar extremos como a passividade e a interatividade associando-os a uma tecnologia específica, e por se focar demasiado no determinismo tecnológico sem tomar em conta outras forças sociais (Buckingham e Willet: 2006). No que concerne à aquisição e uso das tecnologias, e seguindo as críticas de Buckingham ao pensamento de Tapscott, Aroldi (in Colombo e Fortunati: 2011) refere que a hipótese do surgimento de uma geração ligada às tecnologias de informação e comunicação parece basear-se numa visão simplificada dos processos que a formam, com foco em padrões cognitivos, como o multitasking. Como refere Herring (in Buckingham: 2008), a evolução de qualquer tecnologia está enquadrada num determinado contexto histórico, económico e cultural, não podendo ser ignorada a continuidade entre os velhos media e os novos media, que muitas vezes continuam a coexistir, bem como os usos mais comuns da tecnologia que têm repercussões na própria tecnologia e nos seus utilizadores (Buckingham e Willet: 2006).

Também o conceito de “nativos digitais” de Prensky sofre do mesmo determinismo tecnológico da definição de Tapscott, segundo Fortunati (in Colombo e Fortunati: 2011), dado que o conceito de geração é multidimensional, e a apropriação dos novos media ocorreu de modo diferente não só entre vários países, mas também dentro de cada país, e ao nível dos diferentes estratos sociais.

Não podemos, assim, deixar de considerar as especificidades culturais e características particulares de diferentes países e regiões, analisando outras variáveis que não a idade, não colocando de parte a teoria de Tapscott (2008) que refere que cada vez mais os jovens são semelhantes, tendo atitudes, normas e comportamentos análogos. Esta tendência tecnológica, embora descrita em termos geracionais, pode estar, segundo alguns autores, cada vez menos relacionada com a idade e mais com a tecnologia, já que indivíduos de outras gerações que utilizam mais as tecnologias de informação e comunicação têm características semelhantes à chamada “geração digital”, como refere Oblinger e Oblinger (2005). Os autores afirmam que, devido à (omni)presença da tecnologia na nossa vida profissional e pessoal, qualquer indivíduo, independentemente da idade, poderá ter características daquela geração.

Podemos, assim, inferir que os media providenciam as ferramentas que criam a semântica de uma geração (Aroldi in Colombo e Fortunati: 2011) e “constituem agentes socializadores de referência capazes de contrastar, complementar, potenciar ou anular a

influência dos agentes socializadores de pertença como a família” (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009: 1). De ressaltar que tanto o acesso aos media como o seu modo de utilização dependem de fatores como a classe social, sexo e etnia (Buckingham: 2008).

Mas as diferenças ao nível da literacia também devem ser consideradas, dado que o uso de tecnologias móveis, por exemplo, requer que sejam desenvolvidas competências a nível social e comunicacional, bem como novas normas sociais (Buckingham: 2008).

O modo como as pessoas se apropriam de uma determinada tecnologia que pode incentivar, ou não, atividades como o multitasking, é também uma variável central no que concerne ao propósito deste trabalho. A domesticação, aplicada ao universo das novas tecnologias, pretende relacionar a adoção e uso de novas tecnologias, enquanto processo de consumo, que envolve esforço por parte do utilizador e cultura (Silverstone e Hirsch: 1992), em termos de literacia. Este conceito não pode ser entendido de modo isolado, referindo-se apenas ao utilizador de tecnologia, mas na relação entre este e a tecnologia, sendo evidente que a literacia associada aos novos media, em particular, à internet, difere daquela relativa aos media anteriores, impressos e audiovisuais (Livingstone: 2004a). A literacia envolve uma relação de vários processos que vão desde a representação simbólica do conhecimento, cultura e valores; a difusão de competências e capacidades interpretativas pela população; e o poder que o acesso e um uso competente do conhecimento traz àqueles considerados “literatos” (Livingstone: 2004a).

No que concerne a esta literacia dos media, Livingstone define-a como a “capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos” (Livingstone: 2004b), sendo possível aplicar esta definição tanto aos novos como aos velhos media.

Esta questão não afeta apenas os mais jovens, os “nativos digitais” de Prensky. As mudanças tecnológicas afetam-nos a todos, embora as suas consequências dependam do modo como a mesma é usada e este fator é variável consoante os grupos sociais e, mesmo, dentro dos próprios grupos, como referem Buckingham e Willet (2006). A possibilidade de adquirir competências no âmbito da literacia tem, também, de ter em conta fatores como o sexo, por exemplo, que tem impacto nos processos de aprendizagem (Colombo e Fortunati: 2011).

A questão educativa é outro fator importante neste contexto, já que foi comprovado que existe uma relação entre as competências neste âmbito e, a título exemplificativo, o número de utilizadores da tecnologia que serve de base à sociedade em rede em que vivemos – a internet (Cardoso: 2006a).

Estes aspetos são, pois, essenciais à exploração do tema deste trabalho de modo a comprovar ou contrariar a relação direta entre uma geração e o modo como realizam multitasking, abrindo caminho à análise explicativa de outras variáveis sobre este fenómeno.

Mas importa também, no que a esta discussão teórica concerne, analisar o conceito de multitasking que está em evidência no propósito central deste trabalho.

Apesar de este conceito ser recente, isso não implica que o fenómeno seja novo, ou seja, o ato de se realizarem duas tarefas simultaneamente não começou apenas a acontecer com os novos media e com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, simplesmente a análise deste processo não era feita anteriormente (Foehr: 2006), o que nos traz como hipótese que “certas práticas em regime de multitasking não serão, porventura, uma novidade, estando já instituídas nas gerações anteriores” (Cardoso, Espanha e Lapa: 2010: 183). Assim, é importante desconstruir este conceito que nos é projetado diariamente como consequência da evolução permanente da tecnologia e da natureza do mundo mediático e imediato em que vivemos (Salvucci e Taatgen: 2011).

A conceptualização teórica do conceito de multitasking cobre várias áreas do conhecimento que vão desde a psicologia, à sociologia, às questões da educação e aprendizagem, efeitos cognitivos e sociais, entre outros. Como refere Salvucci (in Salvucci e Taatgen: 2011), o multitasking parece ser uma competência humana básica, que é feita de modo rotineiro, mas que é difícil de entender e explicar. Segundo o autor, relaciona-se com a ideia de cognição encadeada, ou seja, o comportamento de multitasking é representado como a execução de múltiplas linhas de tarefas, coordenadas por um processador cognitivo e distribuídas por múltiplos recursos de processamento (Salvucci e Taatgen: 2008, 2011). A cognição encadeada entrelaça tarefas independentes na mente, o que resulta num comportamento de multitasking. Cada tarefa tem um objetivo independente e é esta característica que permite o multitasking, nomeadamente, a capacidade de combinar competências de tarefas únicas de modo a atingir um objetivo diferente (Salvucci e Taatgen: 2011).

Por um lado, a realização de atividades em modo de multitarefa parece-nos tão comum que é difícil de identificar; por outro, é por vezes caracterizada como difícil ou mesmo impossível de realizar por requerer o uso da mesma parte do corpo, como conduzir e trabalhar num dispositivo de navegação automóvel (Salvucci e Taatgen: 2011).

Salvucci (in Salvucci e Taatgen: 2011) refere que, dependendo das características particulares do entrelaçamento das tarefas, poderá haver interferências que limitam o progresso de uma ou mais daquelas. Também Tapscott (2008) refere que as pesquisas

psicológicas identificam limitações na nossa competência para realizar uma ou mais tarefas simultaneamente. O autor refere que, quando as atividades usam dois “canais” mentais diferentes, andar e falar, por exemplo, como um deles (o andar) se faz de modo automático, é possível executar as duas tarefas em simultâneo, mas quando usamos o mesmo canal (falar) surgem limitações e uma probabilidade maior de cometer erros.

Os estudos psicológicos indicam que o que é denominado de multitasking é, na realidade, uma alternância rápida entre tarefas, sendo mais eficiente realizar várias tarefas de modo sequencial do que tentar realizá-las simultaneamente (Hayles: 2007).

No entanto, Prensky (2001a) refere que os nativos digitais estão habituados a processar informação de modo rápido e que gostam de processos paralelos e de realizar tarefas em regime de multitasking. Estas características podem mesmo, continua o autor, ter alterado a estrutura dos seus cérebros e padrões de pensamento, tendo estes um conjunto de competências cognitivas bastante diferentes dos imigrantes digitais.

As atividades realizadas em regime de multitasking podem ser caracterizadas como sendo concorrentes, quando existe uma alternância muito rápida entre várias ações que têm propósitos diferentes, podendo ser realizadas de modo quase simultâneo ou com interrupções muito curtas, como seja o exemplo de comer e escrever; ou consecutivas, quando as atividades são realizadas no mesmo bloco temporal, mas a alternância ocorre após um período mais longo de tempo numa delas e, embora possa haver alguma sobreposição no momento de alternância de tarefas, cada uma recebe atenção focada durante a maior parte do tempo alocado à sua execução (Salvucci e Taatgen: 2011).

Seguindo a temática da atenção, num estudo realizado por Cardoso, Espanha e Lapa (2009) sobre os jovens, foram distinguidos três níveis de análise no que concerne ao modo como a atenção é distribuída nas várias atividades: (i) focada, em casos onde a atenção está exclusivamente direcionada para a realização de uma só tarefa, não havendo, portanto, multitasking; (ii) intermitente, quando se realizam atividades de modo paralelo, através da alternância de suportes, embora a atenção se foque em cada uma delas à vez; (iii) ou difusa, quando se dissemina por vários focos de atenção (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009).

No que concerne à aplicação deste conceitos à temática das gerações, Hayles (2007) refere-se à diferenciação entre estas no que concerne aos modos cognitivos, distinguindo entre “atenção profunda”, caracterizada pela concentração num único objeto durante um largo período de tempo, e a “híper atenção”, associada muitas vezes aos mais jovens, onde existe uma rápida alternância de foco entre várias tarefas, sendo que, uma das explicações sobre a

mudança dos tipos de atenção, se refere ao papel cada vez mais presente dos media nos hábitos daqueles.

No que concerne aos mais jovens, Foehr (2006) refere que estes não estão a tentar processar mensagens não complementares simultaneamente, mas antes a alternar entre atividades, usufruindo das novas tecnologias de informação e comunicação de modo eficiente e em regime de multitarefa (multitasking), através de um estilo de navegação rápido (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009). Os jovens aprenderam a viver numa realidade onde são bombardeados com informação e a bloquear interferências enquanto se concentram na tarefa que desempenham (Tapscott: 2008). No que concerne à atenção dispensada, os jovens não demonstram défice quando fazem algo que lhes interesse, podendo-se concluir que não é verdade que não sejam capazes de prestar atenção, antes escolhem não o fazer (Prensky: 2001a).

O multitasking é, assim, visto como uma competência humana básica que desenvolvemos de modo rotineiro, diariamente, mas que temos dificuldade em explicar e compreender, embora a realizemos muito bem (Salvucci e Taatgen: 2011).

A análise que se segue pretende colocar em confronto as teorias anteriormente descritas, tendo em conta que, como refere Colombo (in Colombo e Fortunati: 2011), as gerações, como qualquer outro aspeto social, mudam a sua aparência consoante a abordagem aplicada.

2 – CONCEPTUALIZAÇÃO E PROBLEMÁTICA

2.1 Modelo de Análise

A análise teórica desenvolvida demonstra diferenças nas perspectivas de vários autores, pelo que, de modo a prosseguir com o objetivo da presente dissertação, se tentará analisar possíveis relações entre a prática do multitasking e as gerações, testando outros caminhos de pesquisa. Dado que o conceito de multitasking é um conceito multidimensional, tal como é o de geração, pretende-se explorar a diversidade destes e as circunstâncias que possam definir a relação existente entre eles.

Tentar-se-á, pois, analisar a existência de uma relação, e suas modalidades, entre o multitasking e uma determinada geração, explorando outras variáveis e levando em consideração que, como refere Buckingham (2008), quando se identificam características comuns, as diferenças são atenuadas, sendo mais problemático quando a identidade é definida em oposição a outra. Não se podem, também, generalizar as observações, dado que nem todos usam os media e as tecnologias de informação e comunicação do mesmo modo (Herring in Buckingham: 2008). É, pois, importante analisar as questões da literacia e tentar perceber como esta muda conforme a tecnologia também muda (Livingstone: 2004a), dado que esta tem características novas que possibilitam a utilização dos conteúdos sendo o fluxo comunicativo mais aberto e permeável a diferentes caminhos (Livingstone: 2002).

Tomando em consideração os conceitos centrais deste trabalho – multitasking e geração, os mesmos foram desconstruídos em indicadores que os caracterizam e que são passíveis de serem relacionados, tendo sido elaborado o modelo de análise abaixo, a partir do qual foram deduzidas as hipóteses de investigação.

GERAÇÃO	IDENTIDADE/ BIOGRAFIA	Nacionalidade
		Idade
		Sexo
		Educação
		Classe socioeconómica (capital económico e capital cultural)
		Situação profissional

MULTITASKING	COGNITIVO		Competências (analíticas, interpretativas...)	
	NORMATIVO (julgamentos críticos)		(avaliação)	
	SOCIAL	PRÁTICAS	Onde	
			Quando	
		TAREFAS	Como	Entre quem
				Entre quê
	LITERACIA DOS MEDIA (interação com a tecnologia)		Primárias	
			Secundárias	
			Consecutivas	
			Concorrentes	
			Acesso	
			Tipo de acesso	
			Tipo de media/aparelho	
		Atividades realizadas		
		Criação de conteúdos		
		Tipo de programa /funcionalidades utilizadas		

Quadro 2.1 Modelo de análise

2.2 Metodologia

Considerando o objetivo do presente estudo, foi utilizado o método quantitativo para tentar compreender as relações existentes entre as gerações e as práticas de multitasking. Os dados apresentados são secundários, provenientes dos inquéritos “Sociedade em Rede” dos anos de 2006 e 2010. A população-alvo destes inquéritos é composta por indivíduos residentes em Portugal Continental, tendo sido utilizado um inquérito por questionário de modo a obter os dados pretendidos.

A escolha do questionário como método de recolha de informação considerou o facto de que os inquéritos da “Sociedade em Rede” têm um âmbito nacional, com recolha de dados em anos diferentes, o que permite ter acesso a uma amostra não possível de alcançar com os recursos disponíveis numa dissertação de mestrado, permitindo também uma comparação de dados numa tentativa de análise da evolução da relação entre as variáveis. Adicionalmente, considerou-se que a aplicação de um novo questionário apenas duplicaria um trabalho já existente.

Considerando a validade e fiabilidade desta informação, a utilização destes dados secundários possibilita um dos objetivos da pesquisa social: a identificação de tendências (Ragin: 1994). Este facto permite generalizar a informação obtida para a população portuguesa, cumprindo também umas das funções da pesquisa quantitativa (Bryman: 2012), dado que a comparação que aqueles permitem realizar evidencia os fenómenos sociais que se pretendem analisar.

O recurso a outros métodos de recolha de informação como observações diretas através de entrevista ou estudo etnográfico não foram utilizados nesta análise pois, apesar de poderem contribuir com maior profundidade de elementos e autenticidade de reações e comportamentos, consideraram-se os possíveis problemas numa eventual, ainda que indireta, influência do entrevistador nas reações dos indivíduos e na elaboração do registo e interpretação das observações (Quivy e Campenhaut: 1998), além de dificuldades na seleção da população-alvo representativas para o estudo que se pretende desenvolver.

Assim, foi considerado como método central no que a esta análise concerne, os dados provenientes dos inquéritos “Sociedade em Rede em Portugal” dos anos de 2006 e 2010, recolhidos através de entrevista direta a uma amostra representativa da população portuguesa residente em Portugal continental, com idade igual ou superior a 8 anos, em 2006, e com 15

ou mais anos, em 2010². De modo a poder estabelecer-se uma comparação entre os anos em análise, foram considerados em ambos os inquéritos, apenas os indivíduos com idade igual ou superior a 15 anos.

De modo a explorar a relação entre o multitasking e as gerações e as teorias explanadas no capítulo 1, foram estabelecidas as hipóteses que a seguir se apresentam, de modo a testar aquelas e as suas implicações, oferecendo novas perspetivas (Ragin: 1994) sobre o fenómeno das atividades realidades em regime de multitasking. As hipóteses decompõem os dois conceitos centrais para o presente trabalho – gerações e multitasking –, com base no modelo de análise apresentado no ponto 2.1 e exploram outras variáveis consideradas importantes no aprofundamento do trabalho em questão:

- Hipótese 1: a posse de equipamentos é influenciada por outros fatores além da idade
- Hipótese 2: o uso da internet é influenciado por outros fatores além da idade
- Hipótese 3: o tempo médio por semana gasto a utilizar a internet é influenciado por outros fatores além da idade
- Hipótese 4: o tempo médio por semana gasto a socializar com amigos e familiares, ver televisão, ouvir rádio, ler jornais e jogar jogos é influenciado por outros fatores além da idade
- Hipótese 5: o tipo de atividades realizadas enquanto se utiliza a internet, ouve música no leitor de mp3 ou usa o telemóvel é influenciado por outros fatores além da idade

As hipóteses acima indicadas irão partir da análise da variável idade mas serão incorporadas outras variáveis independentes, de modo a possibilitar o estabelecimento de comparações (Creswell: 2003).

Tomando como referência os inquéritos realizados pelo Obercom - Observatório da Comunicação, os inquiridos foram divididos por escalões etários, dos 15 aos 24 anos, dos 25 aos 34 anos, dos 35 aos 44 anos, dos 45 aos 55 anos, dos 55 aos 64 anos, e 65 e mais anos. No que diz respeito a outras variáveis analisadas, foram consideradas o sexo e o nível de instrução. A última foi recodificada de modo a facilitar a análise longitudinal, considerando-se, para efeitos de análise, as seguintes categorias: (i) sem qualificações, onde se incluem os que não sabem ler nem escrever ou não têm instrução primária completa; (ii), ensino básico, que inclui os inquiridos que têm desde a instrução primária completa ao 3º ciclo do ensino

² Ver anexos A e B - Metodologia dos inquéritos “Sociedade em Rede” de 2006 e 2010

básico, i.e, o 9º ano; (iii), ensino secundário, que inclui quem tem até ao 12º ano de escolaridade; (iv) e o ensino superior, que inclui os inquiridos que frequentam o ensino superior, ou têm algum grau de ensino neste nível, desde o bacharelato ao doutoramento. Foram também excluídos da análise, nos casos identificados no capítulo seguinte, as respostas identificadas como “não sabe/não responde” de modo a permitir uma melhor clarificação das perspetivas em estudo.

As hipóteses indicadas foram analisadas através do recurso à estatística descritiva, utilizando os programas Excel 2007 e SPSS 20.0. Recorreu-se, também a fontes como o *The Oxford Institute*, o *Pew Research Center's Internet & American Life Project*, Ofcom e a Agenda Digital da Comissão Europeia de modo a enquadrar alguns dos resultados obtidos. Ressalva-se que a pesquisa foi adaptada aos dados disponíveis nos inquéritos da “Sociedade em Rede em Portugal” dos anos de 2006 e 2010, tendo sido escolhidas perguntas semelhantes que permitam uma observação mais completa e comparável temporalmente. A pesquisa teve como fio condutor preocupações com a validade dos dados (Bryman: 2012), não tendo sido analisadas ligações de causalidade, centrando-se a análise na relação entre as variáveis.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Como referido anteriormente, foram exploradas hipóteses que ajudem a entender melhor a relação existente entre o multitasking e as gerações, colocando em evidência outras variáveis que contribuem para o estudo em progresso, incluindo um fator temporal que permite uma comparação evolutiva entre os anos de 2006 e 2010.

A análise sobre a posse de equipamentos será o ponto de partida para estudar as diferenças geracionais no multitasking pois permite averiguar se algumas ideias pré-concebidas têm fundamento teórico. Mais concretamente, e na sequência do exposto em capítulos anteriores, muitas vezes é associado às gerações mais velhas a posse de media considerados tradicionais como a televisão ou a rádio, sendo que às mais jovens são os novos media como a internet, *smartphones* ou equipamentos com características portáteis, como o computador, e cujas características parecem facilitar a possibilidade de realizar multitasking.

Posse de equipamentos

Com base nos dados analisados, é de notar que, tanto em 2006, como em 2010, existem dois equipamentos cuja posse é bastante notória entre os Portugueses: a televisão e o telemóvel, sendo que o primeiro tem uma taxa de penetração acima dos 99%. Relativamente à percentagem de indivíduos que tem acesso à internet em casa, esta cresceu significativamente de 20,1% em 2006 para 48,8% em 2010, ocorrendo o mesmo padrão no que se refere à posse de computador pessoal portátil, de 8,9% para 43,0%, havendo uma pequena diminuição no que se refere à posse de computador pessoal fixo (de 34,4% para 32,8%).

A comparação entre a posse destes equipamentos e a idade do proprietário demonstra que alguns são transversais aos vários escalões etários devido ao seu alto grau de penetração, como sejam o telemóvel e a televisão, e outros têm poucos utilizadores em termos percentuais, ao nível da sociedade portuguesa, como os *smartphones* ou o sistema de *home cinema* em casa. Nota-se, de modo genérico, que os mais jovens detêm aparelhos de tecnologia mais recente como os *smartphones*, sistema de *home cinema*, *pendrive*, sistemas de mp3 ou acesso à internet em casa, comparativamente a gerações mais velhas que têm em sua posse, em termos percentuais, equipamentos como televisão, telemóvel, rádio ou telefone fixo.

Para melhor compreensão do fenómeno, foram analisadas variáveis como o sexo e o nível de instrução. Relativamente à primeira, em 2006, a maioria dos utilizadores dos equipamentos analisados era do sexo masculino, enquanto, em 2010, existia um maior

equilíbrio entre os sexos, havendo mesmo alguns equipamentos que as mulheres passaram a deter em maioria, como sejam o computador pessoal portátil, telemóvel, leitor de mp3 ou acesso à internet em casa.

Os dados sugerem ainda que a posse de determinados equipamentos poderá estar relacionada com as qualificações dos indivíduos, dado que serão necessárias certas competências para que se possa utilizar determinada tecnologia. Aqueles que têm poucas ou nenhuma qualificações têm menor posse de equipamentos, em particular, dos denominados novos media, o que recorda a afirmação da relação entre as competências e os utilizadores de determinada tecnologia (Cardoso: 2006a).

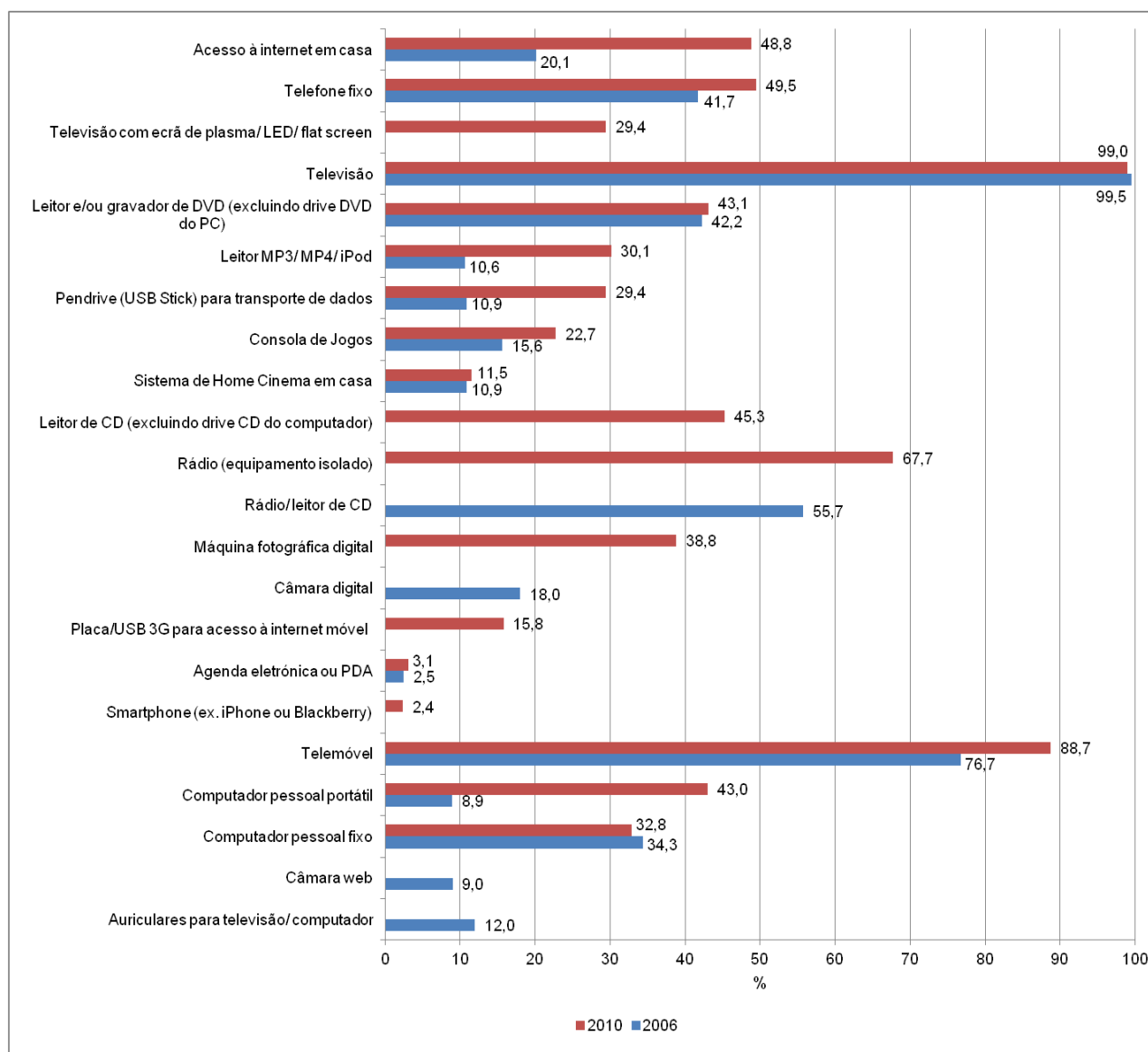


Figura 3.1: Comparação de posse de equipamentos entre 2006 e 2010 (%)³

Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (n= 1876) e “Sociedade em Rede 2010” (n= 1255)

³ Algumas das variáveis analisadas não têm dados em 2006, pelo que apenas se apresentam os dados referentes ao ano de 2010.

Surge no decorrer desta investigação outra hipótese que relaciona a posse de determinados equipamentos com o facto de o indivíduo possuir outros aparelhos. É possível uma exploração inicial desta problemática com base nos dados disponíveis no inquérito de 2010.

Assim, a título exemplificativo, vemos que a posse de computador pessoal portátil é de 43,0%. No entanto, se a avaliarmos em comparação com a posse de outro tipo de equipamentos, nota-se 91,4% dos utilizadores que têm placa/USB 3G para acesso à internet móvel também têm portátil e 86,7% dos que têm *smartphones* também têm aquele equipamento.

No que concerne a este último equipamento, os *smartphones*, apenas 2,4% dos inquiridos afirmaram possuir este equipamento, mas a percentagem é de 10,4% entre os que têm *home cinema*.

Relativamente ao acesso à internet em casa (48,8%), dos que têm agenda eletrónica ou PD, 97,4% também tem internet em casa, sendo esta percentagem de 91,9% entre os que possuem placa/USB 3G para acesso à internet móvel e de 90% entre os utilizadores de *smartphones*.

No que se refere ao equipamento televisão, em 2006, 99,5% dos inquiridos tinha televisão e, em 2010, essa percentagem era de 99%. Entre os utilizadores de *smartphones*, agenda eletrónica ou PDS, placa/USB 3G para acesso à internet móvel e de consola de jogos, 100% afirmou possuir televisão.

Confrontando estes dados com os escalões etários, verifica-se que são os mais jovens que possuem mais equipamentos o que parece comprovar uma das tendências relacionadas com consumo de media indicadas por Cardoso, Espanha e Lapa (2009), a da exposição e intensificação da utilização de vários meios simultaneamente.

Esta problemática carece de uma futura investigação que possa indicar e relacionar a ordem de aquisição de equipamentos, com fatores que indiquem a razão da sua escolha, aprofundando o perfil dos seus utilizadores e modos de uso.

Possui	Comp. Fixo	Comp. portátil	Telemóvel	Smart phone	Agenda elet. ou PDA	Placa/ USB 3G internet móvel	Máq. foto digital	Rádio	Leitor de CDS	Home Cinema em casa	Conso la Jogos	Pendrive (USB Stick)	Leitor MP3/ MP4/ iPod	Leitor / gravador de DVD	TV	TV LED/ flat screen	Telefone fixo	Acesso internet em casa
Comp. pessoal fixo	-	56,5	97,6	5,3	6,6	23,3	60,9	73,5	66,3	20,6	36,2	48,1	48,1	61,7	99,3	48,1	64,3	83,3
Comp. pessoal portátil	43,1	-	98,7	4,8	6,5	33,5	62,2	66,1	62,6	20,7	39,1	54,4	51,1	59,3	99,1	46,7	55	86,5
Telemóvel	36,1	47,9	-	2,7	3,3	17,4	42,9	68,1	49,4	12,7	25	32,8	33,4	47,5	99,1	32,1	48,7	54,2
Smartphone	73,3	86,7	100	-	53,3	63,3	86,7	96,7	90	50	66,7	90	83,3	83,3	100	73,3	63,3	90
Agenda eletrónica ou PDA	69,2	89,7	94,9	41	-	74,4	89,7	84,6	84,6	51,3	53,8	82,1	87,2	84,6	100	79,5	69,2	97,4
Placa/USB 3G para acesso à internet móvel	48,5	91,4	98	9,6	14,6	-	69,2	70,2	69,7	25,8	43,4	74,7	61,6	67,2	100	49	53,5	91,9
Máq. foto digital	51,5	69	97,9	5,3	7,2	28,1	-	74,3	67,6	25,7	39,8	52,2	52,6	65,1	98,6	52	56,7	76
Rádio (equipamento isolado)	35,6	42	89,2	3,4	3,9	16,4	42,6	-	53,4	13,8	26,5	31,8	34,2	49,5	99,4	30,7	50	49,4
Leitor de CD (excluindo drive CDs do computador)	48,1	59,5	96,8	4,8	5,8	24,3	57,9	79,9	-	18,8	37,5	47,4	51,5	74,6	99,8	41,4	51,8	69,5
Sistema de Home Cinema	59,0	77,8	97,9	10,4	13,9	35,4	86,8	81,3	74,3	-	62,5	59,7	68,8	74,3	99,3	77,8	67,4	84,7
Consola de Jogos	52,3	74	97,5	7	7,4	30,2	68,1	78,9	74,7	31,6	-	55,4	65,6	72,6	100	57,5	56,8	80,7
Pendrive (USB Stick)	53,7	79,7	98,9	7,3	8,7	40,1	68,8	73,2	72,9	23,3	42,8	-	63,7	68,8	99,7	46,9	53,4	84,8
Leitor MP3/ MP4/ iPod	52,4	73	98,4	6,6	9	32,3	67,7	77	76,7	26,2	49,5	62,2	-	74,1	99,7	47,9	54	79,9
Leitor/ gravador DVD	47,0	59,1	97,8	4,6	6,1	24,6	58,6	77,8	78,4	19,8	38,3	47	51,8	-	99,6	42	54,2	71
Televisão	32,9	43,1	88,8	2,4	3,1	15,9	38,6	68	45,7	11,5	22,9	29,6	30,4	43,4	-	29,1	49,5	49
Televisão plasma/ LED/ flat screen	53,7	68,3	96,7	6	8,4	26,3	68,6	70,7	63,7	30,4	44,4	46,9	49,1	61,5	98,1	-	62,9	74,3
Telefone fixo	42,7	47,8	87,3	3,1	4,3	17,1	44,4	68,4	47,3	15,6	26,1	31,7	32,9	47,2	99	37,4	-	61,5
Acesso à internet casa	56,0	76,2	98,4	4,4	6,2	29,7	60,4	68,5	64,4	19,9	37,5	51,1	49,3	62,6	99,3	44,7	62,3	-

Quadro 3.1– Posse múltipla de equipamentos, em 2010 (%) Fonte: “Sociedade em Rede 2010” (n=1255)

Utilizadores de internet

Na sequência da análise efetuada, irá, em seguida, analisar-se, a título exemplificativo, os utilizadores de internet, tendo em conta que é a tecnologia que serve de base à sociedade em rede em que vivemos (Cardoso: 2006a).

Os dados mostram que, em 2010, mais de metade da população-alvo (55,5%) não era utilizadora desta tecnologia existindo, no entanto, uma evolução positiva de 10 pontos percentuais na proporção de utilizadores entre 2006 e 2010. Numa análise mais detalhada do perfil destes utilizadores, repara-se que houve um aumento de utilizadores em todos os escalões etários, mas existe uma maior taxa de penetração na utilização da internet nos mais jovens, sendo que, à medida que a idade avança, maior é a percentagem de não-utilizadores. Estes dados parecem seguir a tendência europeia, onde a percentagem de não utilizadores de internet tem decrescido, mas à medida que o escalão etário é maior, maior é também a sua percentagem⁴.

Estes dados parecem apoiar as teorias de Prensky e Tapscott que consideram que as gerações mais jovens têm características próprias que lhes permitem apreender de modo quase intuitivo a utilização de uma tecnologia mais recente, como é o caso da internet, dado que “nasceram” com ela. No entanto, os dados também indicam um crescimento no número de utilizadores mais velhos, o que parece contrariar estes autores. Acredita-se que uma aplicação possível esteja relacionada com o aumento de literacia (tecnológica) dos utilizadores em consequência de uma maior necessidade verificada de aprendizagem ao longo da vida, ou com uma aprendizagem feita a nível social com membros da família ou amigos. Estes “imigrantes digitais” (Prensky: 2001a, 2001b, 2006) parecem, assim, mostrar que estas competências tecnológicas não são exclusivas dos mais jovens e que, mesmo aqueles que pertencem ao que Cardoso (2006) identificou como “geração não informacional”, podem apreender usos e competências que seriam mais associados à “geração informacional”.

No que concerne à hipótese levantada sobre uma possível alteração no nível de instrução que possa explicar não só o aumento do número de utilizadores de internet, mas também o aumento destes em escalões etários mais velhos, é de notar que houve um aumento no nível de escolaridade médio dos utilizadores: em 2006 a maioria detinha o ensino básico, enquanto em 2010 a maioria possuía o ensino secundário, sendo que quem não tinham qualquer tipo de qualificações não se identificou enquanto utilizador de internet.

⁴ Digital Agenda Scoreboard 2012

Esta análise parece mostrar que pode haver uma relação entre a utilização de internet e o nível de instrução, sendo esse fator também indicado como importante pelo relatório da Agenda Digital da Comissão Europeia, anteriormente referido. Caso estudos posteriores confirmem a existência de correlação e causalidade entre estas duas variáveis, a análise do nível de literacia poderá, assim, permitir uma melhor compreensão dos modos de utilização de uma determinada tecnologia e explicar a forma de apropriação desta.

Para um estudo mais aprofundado, a aquisição de competências através do aumento da instrução também deve considerar, como refere Colombo (in Colombo e Fortunati: 2011), fatores como o sexo. Assim, nota-se que a maioria dos utilizadores é do sexo masculino, mas a percentagem de utilizadores do sexo feminino tem registado um aumento significativo entre os dois anos em análise, havendo, no último, um maior equilíbrio entre utilizadores de ambos os sexos.

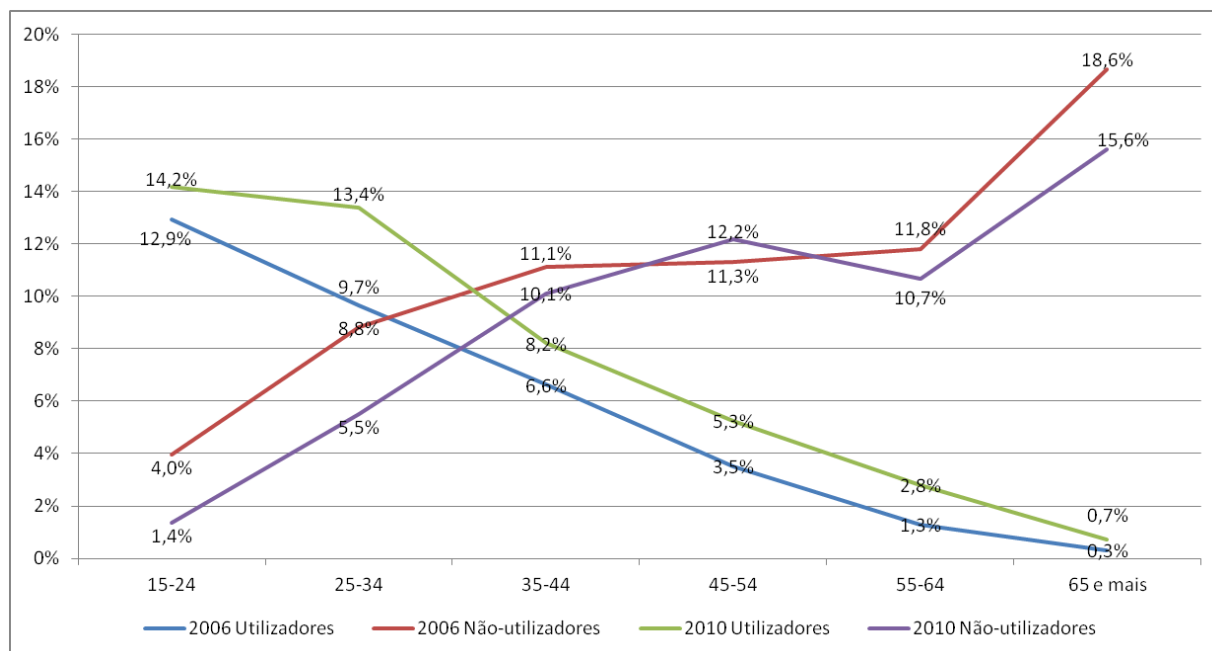


Figura 3.2 Percentagem de utilizadores e não-utilizadores de internet em 2006 e 2010, por escalão etário (%). Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (n= 1872) e “Sociedade em Rede 2010” (n= 1255)

A análise do uso da internet tem de tomar em consideração algumas variáveis de controlo. A falta de acesso não pode ser considerada como fator determinante na explicação da existência de não-utilizadores, segundo dados do relatório da Agenda Digital, dado que, na Europa, existe uma ampla rede de banda larga, mas antes a posse de equipamentos e/ou competências necessárias para utilizar esta tecnologia. Estudos do *Pew Research Center's Internet & American Life Project* e os relatórios do *The Oxford Internet Surveys* de 2009 e 2011 mostram que as diferenças estão a diminuir, mesmo dentro de grupos com menores

qualificações e entre o sexo masculino e feminino. Não obstante, estas variáveis continuam a ter influência no acesso e uso da internet, sendo que também a idade é um fator que exerce influência.

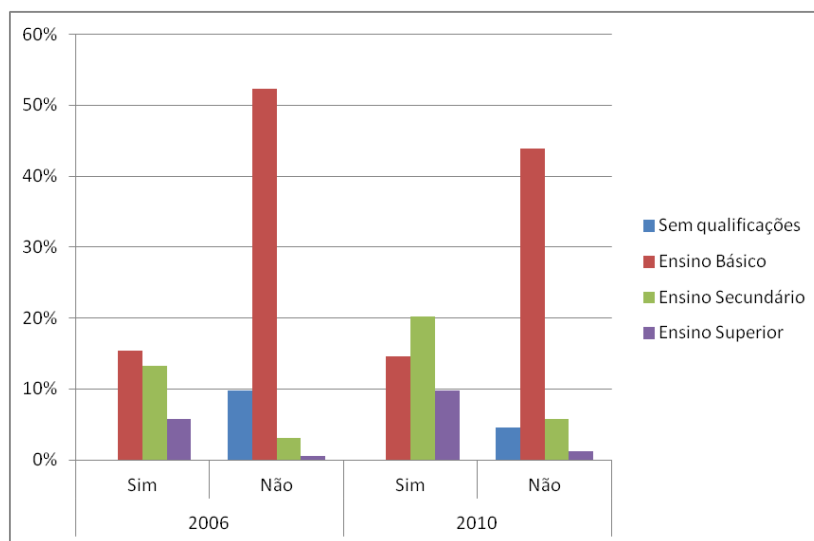


Figura 3.3 Utilizadores e não-utilizadores de internet em 2006 e 2010, por nível de instrução mais elevado obtido (%). Fonte: Sociedade em Rede 2006 (n= 1872); Sociedade em Rede 2010 (n= 1255)

Tempo médio por atividade

Na sequência da análise efetuada sobre a posse de equipamentos e das características dos utilizadores de internet, pretende-se agora compreender com pormenor o tempo despendido com alguns media, bem como quais as tarefas realizadas quando se utilizam determinados equipamentos em simultâneo, de modo a obter uma visão mais detalhada sobre o fenómeno do multitasking e as diferenças no seu uso por diferentes gerações. Este estudo será efetuado numa perspetiva longitudinal, comparando os anos de 2006 e 2010.

No que concerne ao tempo médio passado a utilizar a internet por semana, do grupo de utilizadores de internet, mais de 50% passa até 5 horas por semana neste meio, sendo que esta percentagem diminui à medida que o número de horas por semana de navegação na internet aumenta. Em termos de escalão etário, nota-se que são os mais jovens quem passa mais horas por semana na internet, referindo-se que os jovens dos 15 aos 24 anos do sexo masculino seguido do grupo dos 24 aos 34 anos, também do mesmo sexo, são quem gastam, em média, mais de 50 horas por semana nesta atividade.

Este maior uso da internet poderá estar relacionado com o facto de estes “nativos digitais”, como Prensky (2001a, 2001b, 2006) lhes chama, terem uma maior facilidade no uso desta tecnologia, e por estarem imersos nela, utilizando-a no decurso normal do dia-a-dia

(Cardoso, Espanha e Lapa: 2009), dado que experienciaram a massificação desta tecnologia, enquanto membros da “geração informacional” (Cardoso: 2006).

No entanto, é útil avaliar outras variáveis que possam ajudar a explicar esta possível relação entre idade e o uso intensivo da internet. Assim, os dados parecem mostrar que quem não tem qualificações, não usa a internet. Em contraste, os que passam, em média, mais horas por semana a usar esta tecnologia têm, na sua maioria, o ensino secundário.

Os dados de 2010 permitem analisar com mais detalhe o tempo e local onde se utiliza a internet. É em casa que as pessoas gastam em média mais horas por semana neste meio e por períodos maiores de tempo. Por exemplo, quem gasta mais do que 20 horas por semana fá-lo em casa, enquanto no trabalho ou na escola são os períodos até 5 horas por semana e entre 5,1 e 10 horas por semana que detêm maior percentagem de respostas. Um estudo da Ofcom⁵ refere que é, também, em casa que as pessoas acedem por mais horas à internet, seguido de locais como a escola ou o local de trabalho, sendo esta uma tendência que se tem verificado ao longo dos anos.

As competências de literacia podem também ter impacto quando se tenta perceber se o uso da internet é também efetuado através de equipamentos com acesso sem fios, como sejam o telemóvel ou o computador portátil. Assim, do universo de utilizadores de internet, 10,2% utilizavam esta tecnologia através de equipamentos com acesso sem fios em 2006, sendo que em 2010, 8,9% afirmavam fazê-lo utilizando dispositivos móveis de bolso como o telemóvel ou o PDA. Em termos de escalões etários, verifica-se que, em 2006, são os mais jovens, entre os 15 e os 24 anos, que utilizam mais esta tecnologia e, em 2010, existe uma predominância de utilizadores no escalão etário dos 25 aos 34 anos, pertencentes à “2ª geração informacional”.

Devem também, para aprofundar os conhecimentos sobre o tema, ser considerados, como refere Buckingham (2008), eventuais fatores como o sexo para melhor entender as diferenças encontradas.

Existe uma predominância de utilizadores do sexo masculino, mas, a partir dos 55 anos, os inquiridos referem não utilizar a internet através de equipamento sem fios. Em 2006 e 2010 surge um grupo de utilizadores entre os 55 e os 64 anos, mas apenas no sexo feminino, um grupo de “imigrantes digitais”, da denominada “geração paleo-informacional”, que faz uso desta tecnologia. No que concerne ao nível de instrução, nota-se, mais uma vez, que quem

⁵ http://stakeholders.ofcom.org.uk/binaries/research/media-literacy/adult-media-lit-13/2013_Adult_ML_Tracker.pdf

não tem qualificações não faz uso desta tecnologia, e que, quer em 2006 quer em 2010, a maior percentagem de utilizadores possui, pelo menos, o ensino secundário.

Um estudo do *Pew Research Center's Internet & American Life Project* sobre acesso móvel em 2010⁶ refere alguns grupos que têm uma alta percentagem de acesso à internet através do telemóvel como os que têm baixos níveis de qualificação e os mais jovens, até aos 29 anos, mas o acesso através destes equipamentos têm vindo a crescer em gerações mais velhas.

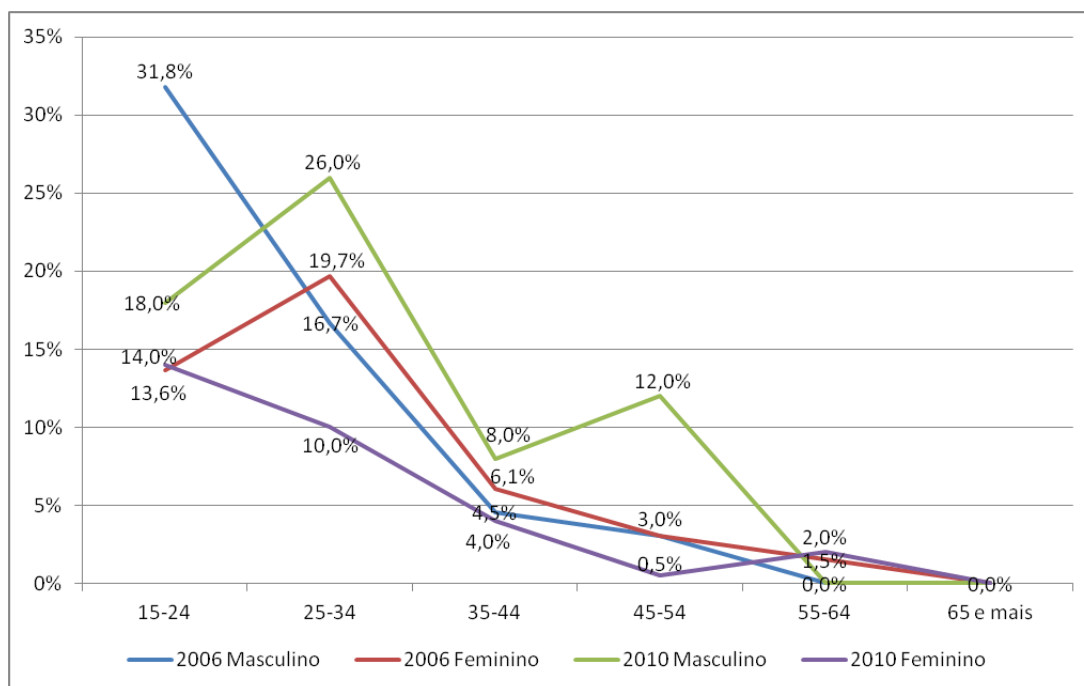


Figura 3.4 Utilizadores de internet através de equipamentos sem fios nos anos de 2006 e 2010 (%)

Fonte: “Sociedade em rede 2006” (n: 66) e “Sociedade em Rede 2010” (n: 50)⁷

Se analisarmos o tempo médio por semana que este universo de utilizadores de internet através de equipamentos sem fios gasta a usar esta tecnologia, nota-se que a maioria (54,5% em 2006, e 46,0% em 2010) utiliza até 5 horas por semana, sendo que a maioria dos utilizadores está concentrada nos escalões etários mais jovens, o que parece confirmar as teorias de Prensky e Tapscott. No entanto, em 2010, surgem grupos de utilizadores que fazem uso desta tecnologia durante mais de 20 horas por semana.

Se nos focarmos no fator idade, verifica-se que este novo grupo é constituído pelos escalões mais jovens, sendo que a maior percentagem está nas gerações pertencentes à

⁶ <http://www.pewinternet.org/Reports/2010/Mobile-Access-2010.aspx>

⁷ No gráfico analisado, foram retiradas as respostas identificadas como “não sabe/não responde” e “não sabe do que se trata”, tendo sido considerada como população total apenas os que se identificaram como utilizadores de internet sem fios

“geração informacional”, nomeadamente nos escalões etários dos 15 aos 24 anos, 25 aos 34 e dos 35 aos 44 anos. Surge ainda um grupo, da “geração não informacional”, no escalão dos 45 aos 54 anos que utiliza em média mais de 40 e até 50 horas por semana. Embora seja uma percentagem relativamente pequena em relação aos outros usos, parece sugerir uma novidade que não está prevista nas teorias anteriormente discutidas, e indicar que indivíduos mais velhos fazem igual uso dos novos media, podendo mesmo fazer um uso mais intensivo destes. Pode-se aventar que este pequeno grupo possa ter sido exposto a esta tecnologia, adotando características dos mais jovens, como referem Oblinger e Oblinger (2005).

Importa pois, analisar mais em detalhe este grupo que utiliza intensamente a internet através de equipamentos sem fios dado que o modo de utilização pode depender, como refere Buckingham (2008), de fatores como o sexo. Conclui-se que os utilizadores são do sexo feminino e que, no que concerne à educação, possuem até o ensino básico.

Analisando mais em pormenor o nível de instrução, em 2006, dos que usam, em média, até 5 horas por semana, a maioria tem o ensino secundário e os que utilizam mais horas têm o ensino básico ou secundário. Em 2010, mantém-se a mesma tendência para quem utiliza até 5 horas por semana; os que usam entre 20,1 e 30 horas por semana têm na sua maioria o ensino secundário, e o universo dos que usam entre 40,1 e 50 horas por semana possui maioritariamente o ensino básico. Em todos os níveis de ensino, a percentagem de utilizadores baixa quanto mais alta for a média de horas por semana de utilização desta tecnologia.

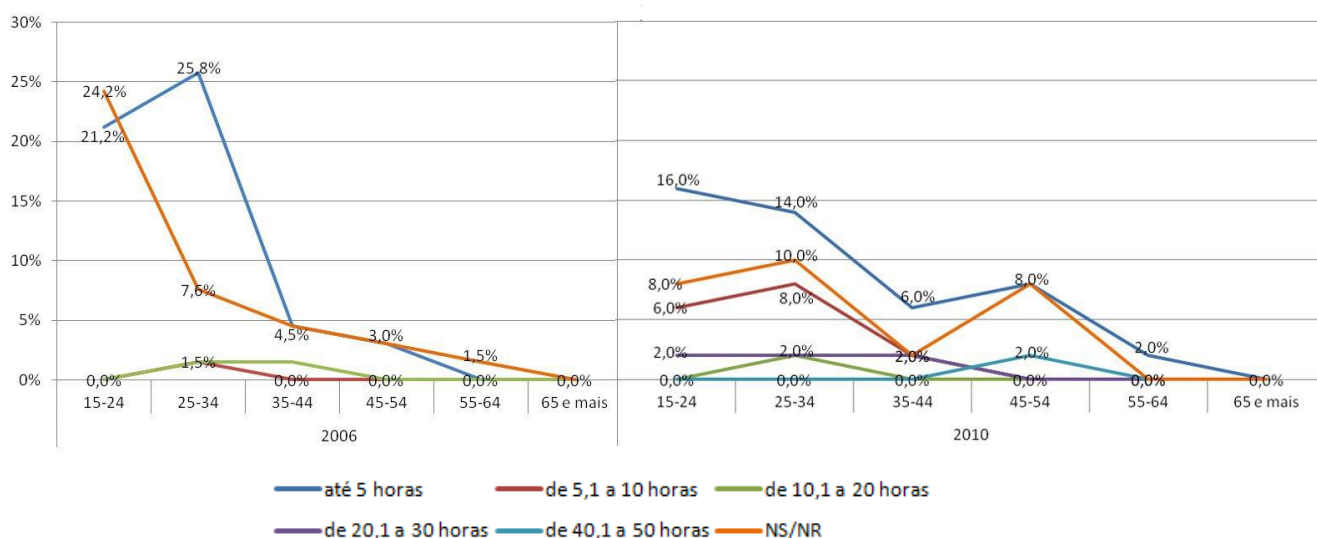


Figura 3.5 Tempo médio por semana gasto a utilizar a internet através de equipamentos sem fios em 2006 e 2010 (%). Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (n: 66) e “Sociedade em Rede 2010” (n: 50)

Se nos focarmos nos modos de consumo de media considerados tradicionais, como a televisão, o rádio ou os jornais, nota-se que, em 2006, a maioria dos indivíduos via televisão, em média, entre 10,1 e 20 horas por semana, sendo que este padrão continua no ano 2010, havendo um aumento na percentagem dos que vêm televisão por períodos mais longos, nomeadamente, entre 20,1 e 30 horas por semana e entre 30,1 e 40 horas por semana. Assim, este equipamento continua a ser mais utilizado do que a internet, mas este comportamento pode estar relacionado com o alto nível de penetração da televisão na sociedade portuguesa.

Comparando o nível etário de modo a estabelecer relações com aquele que é considerado um novo media (a internet), a maior percentagem de quem vê televisão por períodos mais longos de tempo está concentrado nos escalões etários mais velhos, na denominada “geração não informacional”. Não obstante, no período mais visto (entre 10,1 e 20 horas por semana), a maior percentagem de espetadores situava-se no escalão dos 25 aos 34 anos, em 2006, e dos 35 aos 44 anos, em 2010. Parece haver uma predominância de espetadores mais velhos que veem, em média, mais horas de televisão por semana, havendo, como já referido, um número significativo de espetadores em todos os escalões etários. Relativamente ao nível de ensino, quanto maior o grau de instrução, menor o número de horas por semana visionadas.

No que concerne à rádio, a maioria dos inquiridos ouve, em média, até 5 horas por semana, diminuindo a percentagem quanto maior o número de horas por semana analisado. Este uso parece ser semelhante ao da internet, embora esta tecnologia seja, ao contrário daquela, considerada um media tradicional. Na maioria, os que ouvem mais tempo de rádio são os mais velhos, com destaque para o escalão etário dos que têm 65 e mais anos, uma tendência que se parece assemelhar ao consumo do media televisão.

Existe também uma evolução positiva entre 2006 e 2010 da percentagem de jovens a ouvir rádio, ainda que a maioria continue a ouvir, em média, até 5 horas por semana. Mesmo no período de mais de 50 horas por semana, o número de ouvintes aumentou em termos percentuais entre os dois anos em análise (de 1,2% em 2006 para 5,1% em 2010). Quanto ao nível de qualificações, quanto maior o nível de instrução, menor é o tempo médio por semana que se ouve rádio.

Este media parece, pois, possuir características quer de um media tradicional como a televisão, no que concerne à idade dos utilizadores, quer de um media mais recente como a internet quando se compara o tempo médio gasto por semana a utilizar esta tecnologia.

Tal como ocorre com a rádio, também na leitura de jornais a maioria dos indivíduos lia, em média, até 5 horas por semana, sendo que, neste universo, se destacam os que têm

entre 25 e 34 anos, pertencentes à “geração informacional”. A maioria dos leitores possui o ensino básico. Regista-se, no entanto, um pequeno aumento nas percentagens de leitores quando se analisam períodos de leitura mais longos.

Se analisarmos outra tecnologia como a dos videojogos, em 2006, a maioria dos indivíduos jogava, em média, até 5 horas por semana. A maior percentagem de utilizadores centra-se na “2ª geração informacional” e indivíduos que possuem o ensino básico, sendo que, quem não tem qualificações, não joga. Quem afirmou jogar mais de 50 horas por semana possui o ensino secundário e tem entre 15 e 24 anos. Em termos de evolução entre 2006 e 2010, a diferença que se pode indicar diz respeito ao decréscimo na percentagem de utilizadores que possuem o ensino superior, sendo que nas restantes variáveis, os padrões se mantêm.

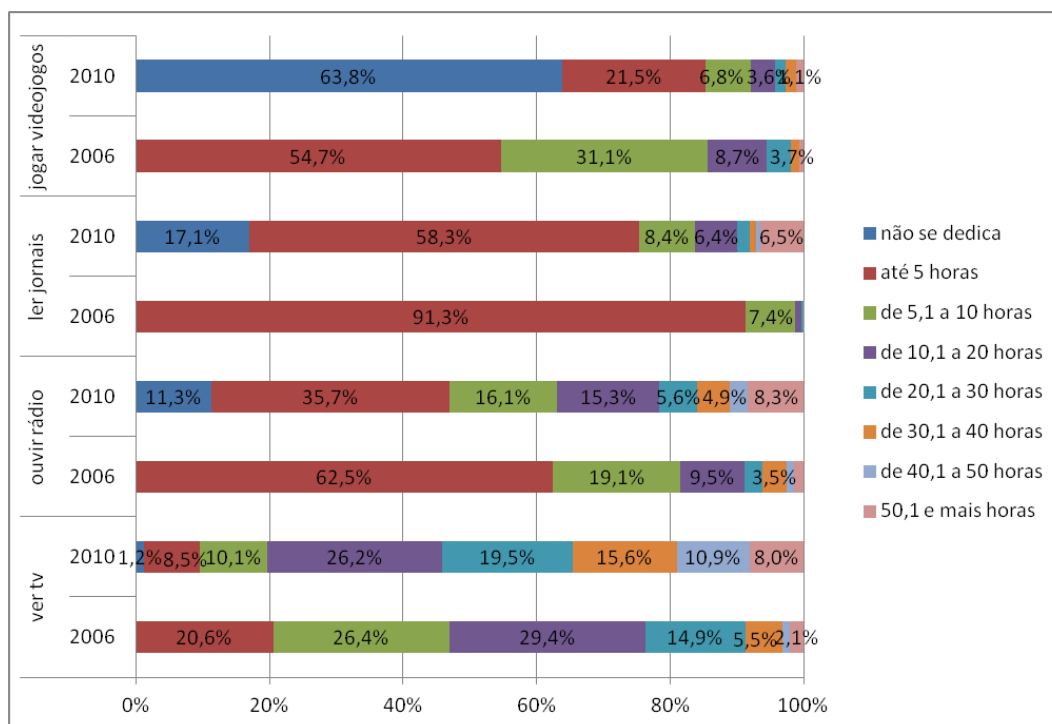


Figura 3.6 Tempo médio gasto por semana a ver televisão, ouvir rádio, ler jornais e jogar videojogos, em 2006 e 2010 (%) Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (ver tv n: 1614, ouvir rádio n: 1508, ler jornais n: 1594 e jogar videojogos n: 161) e “Sociedade em Rede 2010 (ver tv n: 933, ouvir rádio n: 770, ler jornais n: 739 e jogar videojogos n: 442)”⁸

Outro fator importante no que concerne a eventuais diferenças geracionais diz respeito ao modo de socialização com amigos e familiares. Em 2006, a maioria da população portuguesa passava, em média, até 5 horas por semana com amigos ou colegas fora da escola

⁸ No gráfico em análise, foram as percentagens relativas de “não sabe/não responde”. Estas foram de 14% e 25,7% para “ver televisão”, 19,6% e 38,6% para “ouvir rádio”, 15% e 41,1% para “ler jornais” e 27,8% e 64,8% para jogar videojogos, nos anos de 2006 e 2010, respetivamente.

ou do ambiente de trabalho, sendo que à medida que o período temporal aumenta, também a percentagem de indivíduos que realiza esta atividade diminui. Nota-se que, nos períodos de tempo médio por semana mais longos, a maior percentagem passa a ser do sexo masculino, com tendência também para os grupos etários mais jovens. Quem passa mais de 50 horas por semana a socializar são os mais jovens dos 15 aos 24 anos. A nível de instrução, quanto maior o nível de escolaridade, menor o número de horas por semana que se passa com amigos ou colegas. No que concerne ao tempo com a família, a maioria passa entre 10,1 e 20 horas por semana, sendo que, em tempos superiores, existe uma diminuição no número de indivíduos que o fazem. No período atrás referido predomina o escalão etário dos 35 aos 44 anos, podendo aventar-se que a “2ª geração informacional” passa mais tempo quer a socializar com amigos quer com familiares. Nos restantes escalões etários, a percentagem está distribuída de modo relativamente uniforme. Em todos eles existe uma predominância de indivíduos com o ensino básico, sendo que a percentagem de inquiridos com ensino básico ou superior passar menos tempo, em média, por semana com a família e amigos.

Em 2010, o inquérito permite perceber, além do tempo médio que passam por semana com amigos e família, o modo como o fazem ou seja, se um contacto pessoal ou através de alguma tecnologia. Assim, no que se refere à socialização com amigos, a maioria gasta, como em 2006, até 5 horas por semana independentemente de usar, ou não, tecnologia para tal. A percentagem de indivíduos que o fazem durante mais de 5 horas por semana vai diminuindo quanto maior o tempo analisado. No que concerne ao tempo passado com a família, a maioria passa, em média, entre 10,1 e 20 horas por semana a socializar face a face, usando igual tempo nas redes sociais, ou através do *instant messaging*. No entanto, o tempo médio de socialização com a família desce para até 5 horas por semana quando é utilizado o telemóvel.

Em termos de escalões etários, nota-se uma diferença no que concerne ao modo de socialização. Os jovens pertencentes à “2ª geração informacional”, dos 15 aos 34 anos, têm maior preferência pelo uso das redes sociais e *instant messaging*, sendo que o face a face e o uso do telemóvel é preferido pelos indivíduos de gerações mais velhas. Como refere Tapscot, (2008), os jovens usam tecnologia de modo a que possam estar sempre conectados com amigos e família.

Ressalva-se que, nas redes sociais e programas de *Messenger*, de entre os que têm mais de 65 anos, pertencentes, pois, à “geração não informatizada”, apenas o sexo feminino utiliza este meio. Mais uma vez se repara num pequeno nicho de “imigrantes digitais” que se apropriou de modos de consumo mais associados aos mais jovens. O relatório *Oxford Internet*

Survey de 2011 também refere que o uso de redes sociais entre os que têm mais de 65 anos, apesar de muito baixo, tem vindo a aumentar nos últimos anos.

À semelhança do que ocorre no uso da internet, quem não tem qualificações não socializa com amigos e família nas redes sociais nem através de *instant messaging*. Quem possui o ensino básico prefere usar o telemóvel ou o contacto face a face, e quem possui ensino secundário ou superior tem maior preferência no uso das redes sociais ou do *Messenger*.

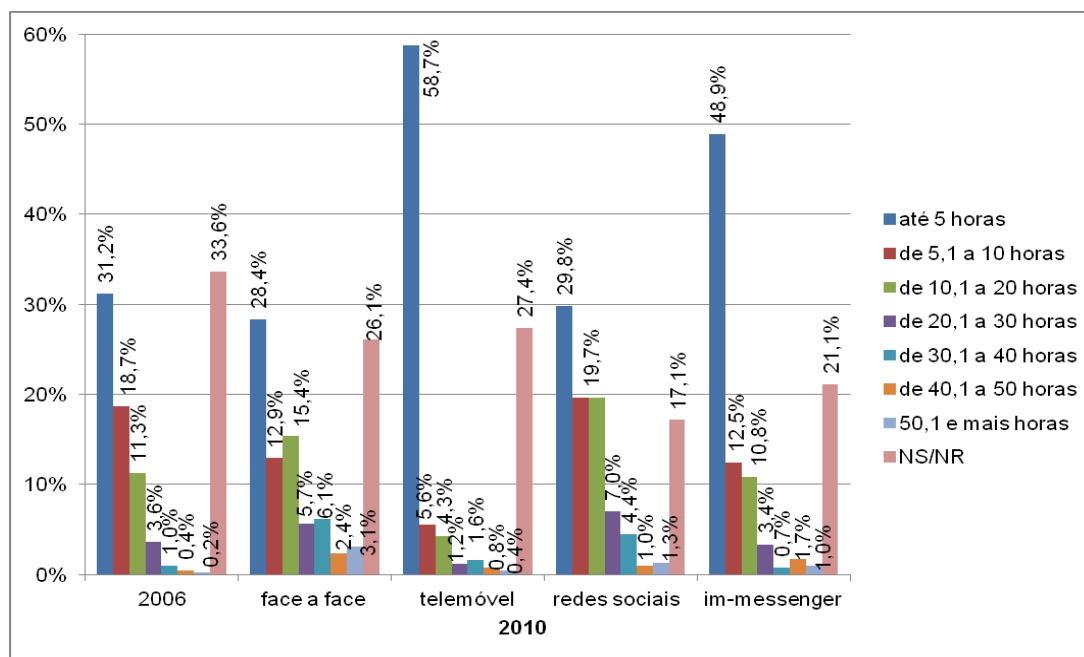


Figura 3.7: Tempo médio por semana gasto a socializar com amigos e familiares fora do ambiente de trabalho/escola (%). Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (n: 1857) e “Sociedade em Rede 2010” (n: 1255 para face a face e telemóvel, n: 315 para redes sociais e n: 417 para *im-messenger*)

Realização de atividades simultâneas

Na sequência da análise efetuada, importa também perceber as atividades e os usos de tecnologias, tendo sido aprofundado no que a este trabalho concerne, a internet, o leitor de mp3 e o telemóvel, por serem equipamentos referidos nos inquéritos da “Sociedade em rede” de 2006 e 2010, o que permite uma comparação longitudinal entre estes anos. O telemóvel pretende também representar um equipamento com alta taxa de penetração na sociedade portuguesa, em contraste com a internet, enquanto novo média, e o leitor de mp3 com uma taxa de posse mais diminuta.

No que se refere ao uso da internet, a atividade mais referida realizada simultaneamente, em 2006, foi ouvir música seguido de falar ao telefone/telemóvel e utilizar *chats* ou programas de mensagens instantâneas. A maioria dos utilizadores que efetuam outras

atividades simultâneas são de classes etárias mais jovens, da denominada “geração informacional” (15-24 e 25-34 anos), sendo que, à medida que a idade aumenta, a percentagem de utilizadores que realiza outra atividade diminui.

Destrinçando os dados, nota-se uma predominância do sexo masculino enquanto sexo que responde positivamente, em todos os escalões etários, ao facto de realizar outra atividade enquanto utiliza a internet. Em termos de instrução, a realização de atividades simultâneas apenas ocorre naqueles que completaram algum grau de ensino, sendo que a maioria dos que o fazem têm, pelo menos, o ensino básico.

Se compararmos a evolução entre 2006 e 2010, os padrões repetem-se: os escalões etários mais baixos são os que realizam percentualmente mais atividades simultâneas enquanto estão na internet. Esta primeira abordagem parece confirmar uma maior predisposição dos jovens para o multitasking como referem Prensky (2001a, 2001b, 2006) e Tapscott (2002, 2008).

Em termos de sexo, as mulheres estreitaram a diferença para os homens nos vários escalões etários tendo mesmo, em 2010, ultrapassando-os na faixa dos 15 aos 24 anos. Deteta-se, pois, um maior equilíbrio entre os sexos da “2ª geração informacional”. De notar, no entanto, que os indivíduos, do sexo masculino, com mais de 65 anos, não realizam atividades simultâneas enquanto estão na internet, mas o sexo feminino sim, o que denota uma diferença intrageracional neste grupo. Também na instrução mantém o padrão de 2006, uma vez que apenas aqueles que detêm algum grau de instrução realizam atividades simultâneas enquanto usam a internet (considerando, como referido anteriormente, que quem não tem instrução não utiliza esta tecnologia), sendo que, existe uma maior percentagem de inquiridos que possui um nível de ensino mais elevado em relação a 2006: o ensino secundário. De notar que, dos inquiridos, quase 40% afirmou não realizar atividades simultâneas enquanto está online.

Seria proveitoso, em futuras investigações, tentar perceber melhor o modo como se divide a atenção destes utilizadores que realizam multitasking e como gerem as várias atividades.

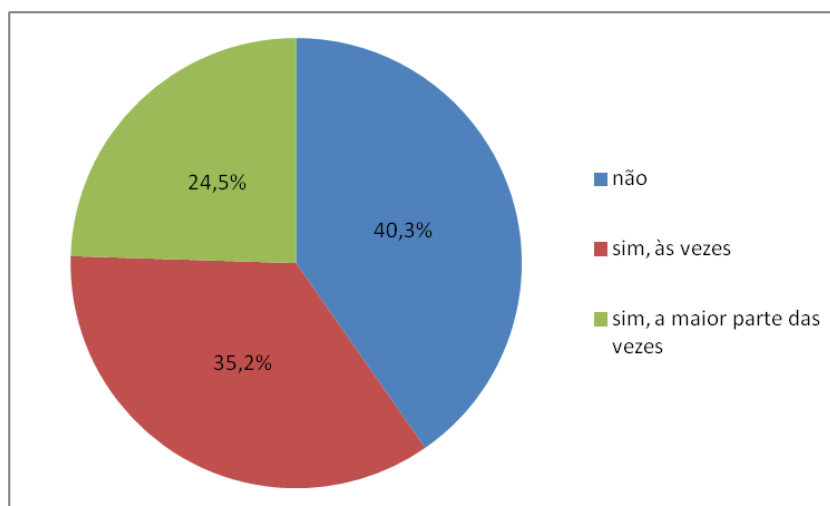


Figura 3.8: Realiza outras atividades quando está online? Dados de 2010

Fonte: “Sociedade em Rede 2010” (n: 559)

Esta análise torna também necessária a avaliação da percepção do utilizador de internet no que concerne às suas capacidades de utilizar esta tecnologia, dado que, como refere Livingstone (2004a), a literacia de novos media como a internet é diferente da dos media anteriores. Em 2006, 50,1% dos utilizadores consideravam que as suas capacidades de utilizar a internet eram “razoáveis”, 32,1% que eram “boas” e 10,2% “excelentes”. Apenas 1,6% afirmavam que as suas capacidades eram “muito más” e 5,3% classificavam-nas como “más”. Em 2010, o inquérito possuía uma pergunta estruturada de modo diferente neste âmbito mas que também nos permite obter alguns dados sobre esta questão. Neste ano, 15,9% dos portugueses concordaram totalmente com a afirmação que “utilizar a internet é complicado” e 19,1% discordaram totalmente da mesma.

Em 2006 a percentagem de utilizadores que considerava que a sua capacidade de utilização da internet era razoável era maioritária em todos eles, sendo que, 25% dos respondentes (entre os 15 e os 34 anos) classificaram-nas como “boas”, havendo também uma percentagem significativa neste escalões que as avalia como “excelentes”, com predominância para os mais jovens entre os 15 e os 24 anos (5%). Estes dados vão de encontro aos do relatório da Ofcom anteriormente referido que identifica, no Reino Unido, que os mais jovens até aos 24 anos se reconhecem como utilizadores confiantes da internet. Quanto ao nível de instrução, quem não tem qualificações classifica as suas capacidades como “más”. Neste grupo estão incluídos os que anteriormente foram identificados como não realizando qualquer tipo de atividade simultânea enquanto estão na internet. Quem tem o ensino básico avalia

maioritariamente a sua capacidade como “razoável”, e a avaliação “boa” ou “excelente” é dada, na sua maioria, por quem tem detém, pelo menos, o ensino secundário.

Em 2010, os jovens dos escalões etários entre os 15 e 24 anos e os 25 e 35 anos são quem mais discorda totalmente que “utilizar a internet é complicado”, sendo os escalões etários a partir dos 55 anos quem mais concorda totalmente com a afirmação, ou seja, quanto maior a idade, mais surge a percepção da internet como sendo uma tecnologia complicada de utilizar. Em termos de qualificações, quem tem graus mais elevados de ensino discorda desta frase.

Analisando mais em pormenor a capacidade de produzir conteúdos, permitida pela análise do inquérito de 2010, mostra-se que a maioria nunca produziu qualquer tipo de conteúdo e, quando alguém o faz, é de modo pouco frequente. A atividade que é feita mais vezes ao dia é a de fazer “comentários em blogs ou no mural de alguém” e a atividade diária mais vezes efetuada é a de fazer “atualizações do status em programas de *instant messaging* ou redes sociais”. No que concerne aos escalões etários, as atividades realizadas diariamente ou várias vezes ao dia são realizadas pelos mais jovens, dentro do escalão 15-24 anos, incluídos na 2ª geração informacional. A grande maioria dos que geram conteúdo têm, pelo menos, o ensino secundário.

Parece, assim, manter-se a ideia de que são os mais jovens que detêm uma maior capacidade de manipulação desta tecnologia e que a incorporaram de modo mais natural.

Analisando outra tecnologia muitas vezes associada, também, aos mais jovens, os dados permitem averiguar que, em 2006, a maioria dos inquiridos afirmava que ouvia música no leitor de mp3 “quando está a passear”, quando está a “fazer nada” ou “quando está em viagem”, por esta ordem.

Em 2010, houve uma inversão entre a primeira e a segunda atividade. Em qualquer dos anos, muito poucos são os que ouvem música no mp3 quando estão, por exemplo, a ver televisão.

Verifica-se, assim, que a utilização do mp3 não parece estimular o multitasking, estando a maioria dos utilizadores totalmente focados no ato de ouvir música. De notar, no entanto que, apesar desta conclusão, a uma maioria significativa de indivíduos que o utiliza ao mesmo tempo que realiza outras atividades, sendo as mais notórias “passear” e “quando está em viagem”. Esta análise abre caminho para uma investigação mais detalhada sobre o que as pessoas entendem pelas atividades de passear e estar em viagem, dado que pode, ou não, incluir a necessidade de condução de veículos para realização destas atividades ou a existência de companhia no decorrer das mesmas.

Existe também um pequeno grupo que utiliza o mp3 quando está na internet, estando este concentrado no escalão etário dos 15 aos 24 anos. A idade permite entender que são os mais jovens que, apesar de tudo, fazem mais atividades quando utilizam o leitor de mp3, mas também é neste grupo que se encontram os que mais possuem este equipamento, o que pode explicar os resultados indicados.

Além da idade, importa ver outros fatores nesta análise. A maioria dos utilizadores é do sexo masculino e, em 2006, tinha ensino básico, enquanto em 2010 tinha o ensino secundário. Tal como ocorre com outras tecnologias, quem não possui qualificações não identifica qualquer atividade realizada com o leitor de mp3.

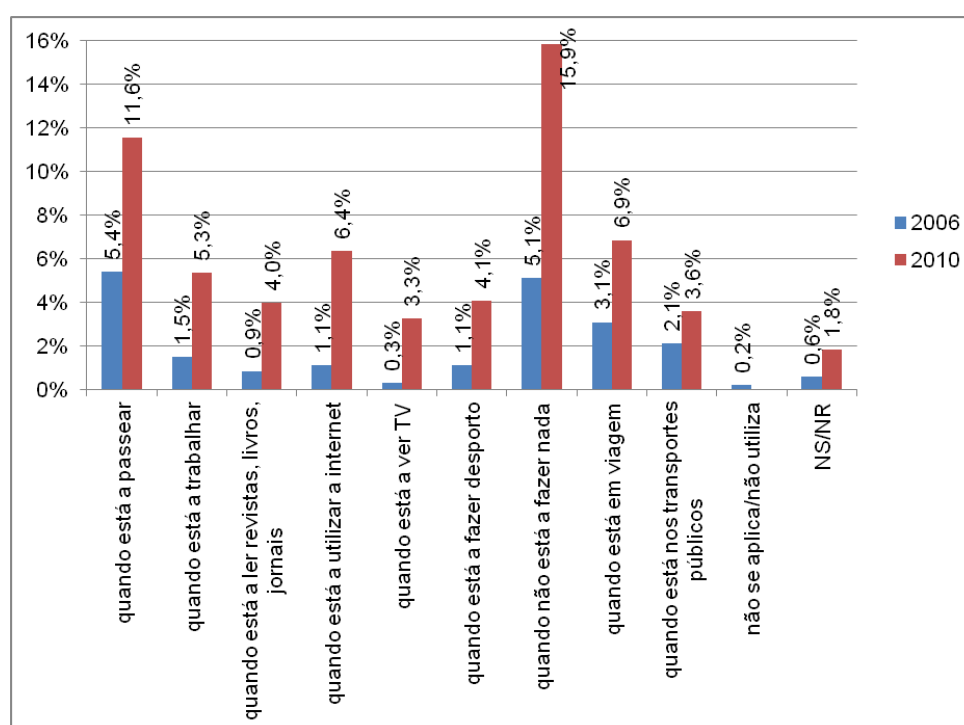


Figura 3.9: Quando costuma ouvir música no leitor de mp3, em 2006 e 2010 (%)

Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (n: 1876) e “Sociedade em Rede 2010” (n: 1255)

De modo a estabelecer uma oposição entre a utilização do mp3 e da internet, cuja taxa de penetração é menor do que outros equipamentos⁹, e um equipamento com maior penetração, irá analisar-se seguidamente o uso do telemóvel.

Em 2006, das atividades realizadas, as que eram efetuadas por maior percentagem de indivíduos eram “falar ao telefone”, “enviar e receber sms” e “utilizar o despertador”, e as menos realizadas eram “enviar e receber faxes” e “fazer donativos para campanhas”. Verifica-

⁹ Utilizadores de mp3: 10,6% em 2006 e 30,1% em 2010. Utilizadores de internet: 34,3% em 2006 e 44,5% em 2010. Utilizadores de telemóvel: 76,7% em 2006 e 88,7% em 2010.

se que, em 2010, as atividades mais realizadas são as mesmas, sendo que as menos usuais foram “utilizar o telemóvel como multibanco” e “aceder a sites de redes sociais”. De notar que esta última atividade, tal como outras como “tirar fotografias” ou “utilizar o gps”, não foram analisadas no inquérito de 2006 pelo que apenas se tem acesso aos dados de 2010, não sendo possível uma comparação. Ressalva-se também o facto de algumas das atividades referidas terem necessidade de recurso a um *smartphone* que apenas está em posse de 2,4% da população portuguesa, o que pode explicar alguns valores mais baixos.

Analisando os dados por escalão etário, verifica-se que, em 2006, em termos percentuais, são os mais jovens, da “geração informacional”, entre os 15 e os 24 e os 25 e os 34 anos que, comparativamente, realizam mais qualquer das atividades analisadas. A “geração não informacional”, a partir dos 55 anos, não envia nem recebe faxes, apenas 0,1% “navega ou consulta assuntos na internet” ou “utiliza programas de mensagens instantâneas”. Em 2010, o padrão de uso mantém-se. Mais uma vez, parece que os jovens demonstram mais competências no uso deste equipamento comparativamente a indivíduos de gerações mais velhas.

Como referem Cardoso, Espanha e Lapa (2009), este equipamento poderá ser encarado pelos mais jovens como uma extensão do “eu”, como um mediador com os outros e com o mundo, cujas características permitem que seja usado em movimento e para realizar as mais diversas atividades.

No que concerne ao nível de instrução dos inquiridos, nota-se que, em 2006, para a maioria das atividades, a maior percentagem recaía entre os que possuíam o ensino básico, com exceção de “enviar e receber correio eletrónico”, “navegar/consultar assuntos na internet” e “utilizar programas de mensagens instantâneas” nos quais a maioria dos utilizadores que efetuam estas atividades têm o ensino secundário. Em 2010, existe também uma predominância de utilizadores que possuem o ensino secundário, sendo que nas atividades de “enviar e receber mms”, “jogar”, “navegar na internet” ou “consultar o email”, “tirar fotografias” ou “utilizar o Messenger” (mensagens instantâneas) a maioria dos utilizadores tem o ensino secundário. Tanto em 2006 como em 2010, as atividades referidas não são feitas por quem não possui qualquer tipo de qualificações.

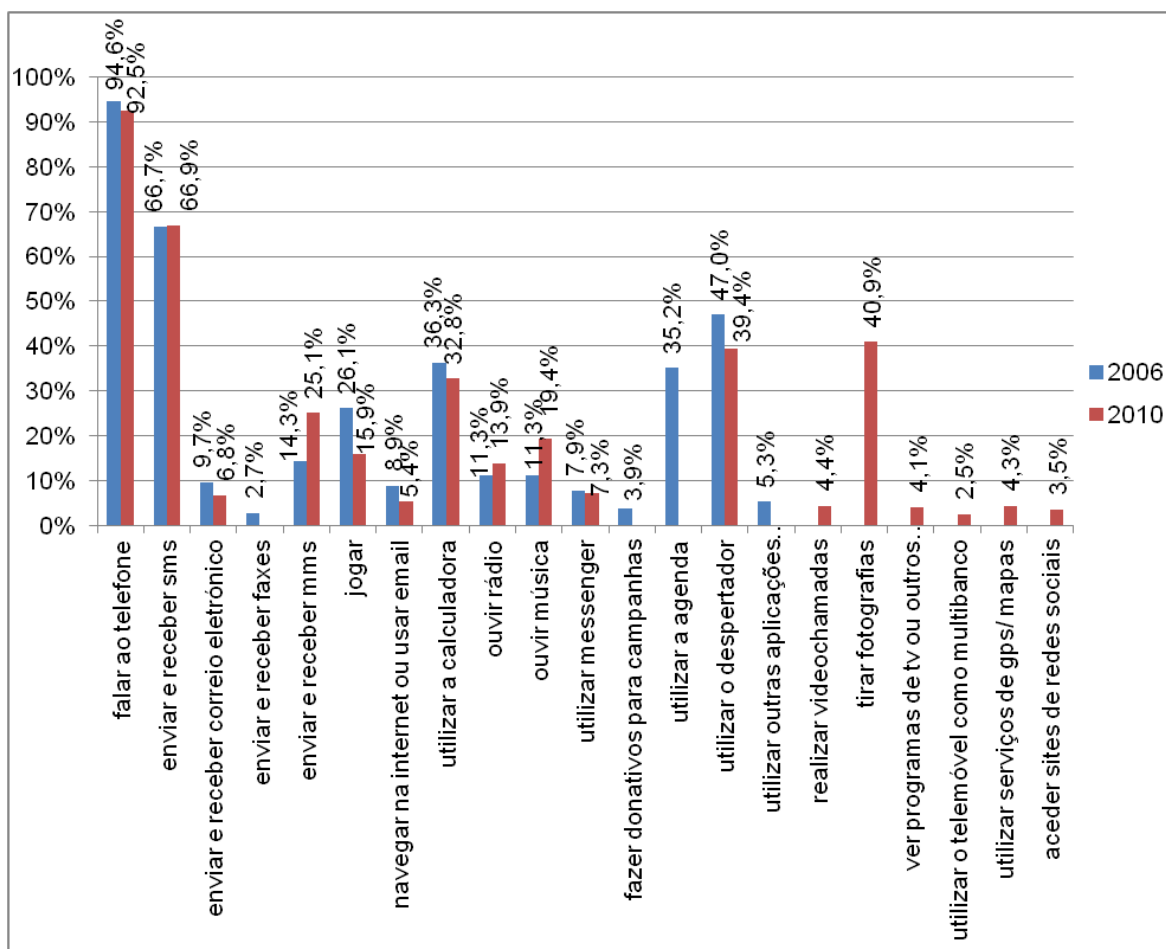


Figura 3.10 Atividades realizadas com o telemóvel em 2006 e 2010 (%)

Fonte: “Sociedade em Rede 2006” (n: 1439) e “Sociedade em Rede 2010” (n: 1113)

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPETIVAS DE FUTURO

O panorama que surge após análise dos dados da presente dissertação parece revelar uma complexidade maior do que a inicialmente apresentada na oposição entre “nativos digitais” e “imigrantes digitais” e nas clivagens geracionais baseadas apenas na tecnologia. A pergunta inicial sobre a possibilidade de existir uma diferença geracional no modo como as pessoas realizam atividades em regime de multitasking levou, pois, a novas perspectivas e olhares sobre as variáveis em foco.

O modelo de análise e as hipóteses de investigação estudadas pretenderam analisar a relação existente entre a prática do multitasking e as gerações, colocando em debate os pressupostos teóricos de autores como Prensky e Tapscott, que referem a existência de uma ligação direta entre estes dois conceitos, e de autores como Buckingham e Livingstone que abrem caminho a novas variáveis de modo a explicitar melhor esta relação.

As hipóteses testadas tiveram como base o fator idade e relacionaram-no com variáveis como a posse de equipamentos, o uso da internet e tempo gasto com esta tecnologia, o tempo médio por semana em determinadas atividades, bem como na realização de tarefas simultâneas, de modo a explorar uma possível relação direta entre eles. Em complemento, foram analisados fatores como a literacia e o sexo que permitiram um enquadramento mais complexo e detalhado do fenómeno do multitasking, sugerindo que também devem ser elementos a ser considerados em futuros estudos sobre a temática.

Os resultados parecem indicar que, apesar de se notar uma forte relação entre as gerações mais novas, nomeadamente a “geração informacional” e o uso de tecnologias mais recentes, bem como uma maior propensão para a realização de atividades em regime de multitasking nestes grupos etários, existem exceções e pequenos nichos de indivíduos que parecem contrariar a tendência dominante. Dados do *The Oxford Internet Surveys* e do *Pew Research Center's Internet & American Life Project* também demonstram que, apesar de haver uma ligação forte entre a idade e as tecnologias, o uso de tecnologias como a internet parece estar a aumentar em grupos de escalões etários mais velhos. Também a percentagem de não-utilizadores da internet tem vindo a diminuir, segundo dados da Agenda Digital Europeia.

“À medida que a oferta mediática se foi multiplicando, os indivíduos foram encontrando novas formas de a encaixar nas suas rotinas” (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009: 184), podendo esta ser uma explicação para a existência de indivíduos de gerações mais velhas, pertencentes à “geração não informacional” que parecem partilhar comportamentos da

“geração informacional”, como o multitasking. Mas a posse e uso de determinados equipamentos parece depender também da própria tecnologia dado que os mais jovens realizam várias atividades simultâneas quando estão na internet, mas, quando usam outros equipamentos, como seja o leitor de mp3, já não o fazem com tanta frequência. Esta conclusão sugere o que diz Prensky (2001a), que os jovens são capazes de manter a atenção focada quando fazem algo que lhes interesse, não estando sempre a mudar de tecnologia e atividade. São, no entanto, os mais jovens que incorporam a tecnologia também em atividades de lazer como a socialização com amigos e familiares, enquadrando-a no percurso normal do dia-a-dia (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009).

Há que ter em conta que, a análise dos modos e padrões de consumo de determinadas tecnologias pode estar relacionado, também, com a taxa de penetração destas nos lares dos portugueses, dado que o telemóvel e a televisão têm uma taxa de posse acima de 88%, em oposição a tecnologias recentes como o *smartphone* ou o leitor de mp3. Mesmo no que concerne ao acesso à internet em casa, sobre o qual as notícias nos meios de comunicação social nos fazem parecer crer que é universal, este é apenas registado por 48,8% dos inquiridos.

De notar que o grau de instrução detém igualmente um papel muito importante no que a este tema respeita. Com as novas tecnologias, é necessário aplicar novas competências a nível social e comunicacional, por exemplo, no modo de lidar com as tecnologias móveis (Buckingham: 2008) bem como em relação aos processos para as usar (Livingstone: 2004a). A questão educativa parece aventar uma relação entre as competências e o número de utilizadores de uma determinada tecnologia, por exemplo, a internet (Cardoso: 2006a).

O facto de se ter pouca ou nenhuma educação pode excluir um possível utilizador de tecnologia, independentemente da idade. Como referem Oblinger e Oblinger (2005), a questão das competências é algo que deve ser tomado em conta, dado que indivíduos que utilizam de modo mais intensivo determinadas tecnologias, podem adquirir competências que seriam, comumente, mais associadas a gerações mais novas, o que poderá explicar os pequenos nichos de utilizadores “imigrantes digitais”, como no caso do uso da internet, podendo-se aventar que esta é uma variável a ter em conta, além do fator idade.

Também Buckingham (2008) refere outras variáveis a analisar como o sexo, podendo-se, em futuras investigação, analisar igualmente a relação com a classe social. Na presente dissertação, nota-se uma tendência para um relativo equilíbrio entre o sexo masculino e o sexo feminino em qualquer das hipóteses estudadas. No entanto, o pequeno grupo de indivíduos da “geração não informacional” que parece ter comportamentos semelhantes às

gerações mais novas, como nos casos da utilização da internet, do tempo que passam a utilizar esta tecnologia, da introdução das redes sociais e Messenger para socializar com amigos e familiares ou mesmo na realização de outras atividades enquanto usa a internet, é do sexo feminino, o que parece mostrar que a variável sexo também deveria ser tomada em conta numa análise mais esclarecida sobre o fenómeno em análise na presente dissertação.

Pode-se sugerir que, neste caso, possa ter existido um processo de partilha que fez com que este nicho adquirisse comportamentos e processos de domesticação da tecnologia da “geração informacional”. Como afirmam Cardoso, Espanha e Lapa (2009), “a domesticação dos media por parte dos jovens, isto é, a incorporação de novas tecnologias como a internet ou o telemóvel nas suas práticas quotidianas, está intimamente ligada ao processo de partilha de determinados valores e mentalidade” (Cardoso, Espanha e Lapa: 2009: 177), pelo que poderá ter existido um processo semelhante no grupo acima identificado.

A análise efetuada levanta, pois, novos caminhos de exploração como o facto de tentar compreender se, apesar de ser indicado que se faz multitasking, esta característica é feita de modo correto. Há uma necessidade de incorporar futuramente uma análise mais detalhada de modo a compreender as competências envolvidas e o nível de literacia necessário para otimizar a prossecução deste tipo de atividades simultâneas.

De igual modo, uma análise mais qualitativa sobre o momento e as razões pelas quais as pessoas alteram tarefas seria benéfico para aprofundar a questão central desta dissertação, bem com um estudo sobre a atenção e o modo como a mesma é dividida quando se realizam atividades em modo simultâneo, tal como a gestão das mesmas. Relativamente à posse de equipamentos, questões como a ordem de aquisição e as razões da sua escolha poderiam permitir estabelecer um quadro mais abrangente de modo a complementar as questões que se analisaram nesta dissertação de modo exploratório.

Abre-se, assim, caminho para futuras investigações que podem aprofundar a relação existente entre geração e o modo de realizar atividades em regime de multitasking que devem ter em conta outras variáveis além da idade, e que possam também analisar mais em detalhes possíveis diferenças intrageracionais, explicáveis pelo contexto social ou educativo de um determinado indivíduo. Os métodos de recolha de informação em futuros estudos poderão recorrer a observações diretas através de entrevistas ou estudo etnográfico que, conforme referido no capítulo 2.2, não foram utilizadas na presente análise, mas poderão contribuir para obter elementos mais detalhados sobre as atividades desenvolvidas, aprofundamento o conhecimento sobre comportamentos e reações associadas ao modo como se realiza o multitasking.

FONTES

Ofcom - Independent regulator and competition authority for the UK communications industries <http://stakeholders.ofcom.org.uk/>

Pew Research Center's Internet & American Life Project www.pewinternet.org/

Portal da Comissão Europeia - Agenda Digital <http://ec.europa.eu/digital-agenda/>

The Oxford Internet Surveys <http://oxis.oii.ox.ac.uk/>

BIBLIOGRAFIA

Alexander, J. C. et al. (2004), *Cultural trauma and collective identity*. Berkeley, Calif., University of California Press.

Aroldi, P., e Fausto Colombo (2007), *Generational belonging and mediascape*. Journal of Social Science Education, 1.

Aroldi, P. e Fausto Colombo (2003), *Le Età della Tv*, Milano, VP Università.

Bryman, A. (2012), *Social research methods*. Oxford, Oxford Univ. Press.

Buckingham, D. (2008), *Youth, identity, and digital media*. Cambridge, Mass., MIT Press.

Buckingham, D. e Rebekah Willet (2006), *Digital Generations: Children, Young People and New Media*. London, Lawrence Erlbaum Associates

Cardoso, G. (2006), *Os media na sociedade em rede*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.

Cardoso et al. (2006a), *A sociedade em rede em Portugal*. Porto, Campo das Letras.

Cardoso, G., Rita Espanha e Tiago Lapa (2009), *Do quarto de dormir para o mundo: jovens e media em Portugal*. Lisboa, Âncora Editora.

Castells, M., e Gustavo Carodo (2006), “A Sociedade em rede: do conhecimento à acção política”, conferência promovida pelo Presidente da República, 4 e 5 de março de 2005, Centro Cultural de Belém. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Colombo, F. e Leopoldina Fortunati (2011), *Broadband society and generational changes*. Frankfurt am Main, Peter Lang.

Creswell, J. W. (2003), *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Thousand Oaks, SAGE Publications.

Edmunds, J., e Bryan Turner (2005), "Global generations: social change in the twentieth century". *Br J Sociology The British Journal of Sociology*, 56(4), 559-577.

Foehr, U. G. (2006), *Media multitasking among American youth: Prevalence, predictors and pairings* (Vol. 7592). Henry J. Kaiser Family Foundation.

Hayles, K. (2007), "Hyper and Deep Attention: The Generational Divide in Cognitive Modes". *Profession*, 187-199.

Ito Mizuko et al. (2010), *Hanging out, messing around, and geeking out: kids living and learning with new media*. Cambridge, MIT Press.

Livingstone, S. (2002), *Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment*. London, SAGE Publications.

Livingstone, S. (2004a), "Media Literacy and the Challenge of New Information and Communication Technologies". *The Communication Review*, 7(1), 3-14.

Livingstone, S. (2004b), "What is media literacy?": An article from: *Intermedia*.

Negroponte, N. (1996), *Being digital* (Paperback ed.). London, Hodder & Stoughton.

Oblinger, D., e Jame L. Oblinger (2005), *Educating the net generation*. Boulder, CO, EDUCAUSE.

Oppenheim, A. N. (1966), *Questionnaire design and attitude measurement*. London, Heinemann.

Prensky, M. (2006), *Don't Bother Me Mom--I'm Learning!*. St. Paul, Minn, Paragon House.

Prensky, M. (2001a), "Digital Natives, Digital Immigrants Part 1". *On the Horizon*, 9 (5), 1-6.

Prensky, M. (2001b), *Digital game-based learning*. New York, McGraw-Hill.

Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (1998), *Manual de investigação em ciências sociais*. 2ª edição. Col. Trajectos: nº 17. Lisboa, Gradiva.

Ragin, C. C. (1994), *Constructing social research: the unity and diversity of method*. Thousand Oaks, Calif. ; London, Pine Forge Press.

Salvucci, Dario D., e Niels A. Taatgen (2008), “Threaded cognition: An integrated theory of concurrent multitasking”. *Psychological Review*, 115, 101-130 (online)

Disponível em: <https://www.cs.drexel.edu/~salvucci/publications/Salvucci-PR08.pdf>

Salvucci, Dario D. e Niels A. Taatgen (2011), *The multitasking mind*. New York, Oxford University Press.

Silverstone, Roger, e Eric Hirsch (Eds.) (1992), *Consuming Technologies: Media and information in domestic spaces*. London/New York, Routledge

Tapscott, D. (2008), *Grown Up Digital: How the Net Generation is Changing Your World*. HC, Mcgraw-Hill.

Tapscott, D. (2002), *Growing up Digital: The Rise of the Net Generation*. New York, McGraw-Hill, Inc.

ANEXO A - Metodologia do Inquérito Sociedade em Rede 2006








Ficha Técnica do Questionário “A Sociedade em Rede em Portugal 2006”

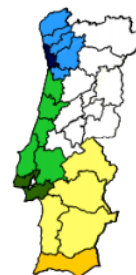
Inquérito extensivo por questionário, através de uma entrevista direta, a uma amostra representativa da população portuguesa residente em Portugal continental, de idade igual ou superior a 8 anos de idade. A amostra teve como universo de referência a população portuguesa e os resultados do Recenseamento Geral da População – Censos de 2001. Os indivíduos foram selecionados através da definição de quotas a partir do cruzamento das variáveis sexo, idade, escolaridade, região (5 regiões INE – NUT's II) e habitat/dimensão dos agregados populacionais. A partir de uma matriz inicial de região e habitat, foi selecionado aleatoriamente um número significativo de pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas, através da aplicação de quotas acima referidas. Em cada localidade, existiam instruções que obrigaram o entrevistador a distribuir as entrevistas por toda a localidade. A amostra final foi constituída por 2000 entrevistas. O trabalho de campo foi realizado entre Abril e Junho de 2006 e aplicado pela Metris GfK.

ANEXO B - Metodologia do Inquérito Sociedade em Rede 2010

Metodologia

Universo: Constituído pelos indivíduos com 15 e mais anos de idade, residentes em Portugal Continental. Amostra: Constituída por 1.258 entrevistas, com a seguinte distribuição, proporcional, por região GfK Metris:

RegiãoGfK Metris	Entrevistas	Legenda
Norte Litoral	251	
Grande Porto	168	
Interior	176	
Centro Litoral	209	
Grande Lisboa	344	
Alentejo	59	
Algarve	48	
Total	1.255	



Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruzou as variáveis Sexo, Idade, Instrução, Ocupação, Região e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais.

Recolha da informação: A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal, em total privacidade, com base em questionário elaborado pela Obercom. Os trabalhos de campo decorreram entre os dias 14 e 25 de Maio de 2010, e foram realizados por 70 entrevistadores, recrutados e treinados pela GfK, que receberam uma formação adequada às especificidades deste estudo. A recolha incidiu nos dias úteis entre as 18H e as 22H e nos fins-de-semana durante todo o dia.

Controlo de qualidade:

1. Em relação ao desenho do questionário, é verificado o correto ajustamento entre os objetivos do projeto e o questionário, bem como identificadas as perguntas que respondem a cada um dos objetivos. É igualmente feita uma revisão da consistência entre as perguntas e as categorias de resposta, da sequência lógica das respostas e dos filtros.
2. Os entrevistadores têm uma formação prévia. A incorporação de novos entrevistadores não supera, em nenhum caso, mais de 25% do total das entrevistas.

3. Em cada região, as entrevistas são distribuídas por diversos entrevistadores, de forma a evitar que uma % significativa das entrevistas seja feita somente por um ou dois entrevistadores.
4. Após darem entrada no Departamento de Campo, os questionários são imediatamente revistos, sendo detetados eventuais erros de preenchimento ou ausência de informação. Caso a caso, é feita uma avaliação dos procedimentos a adotar, que podem ir de um novo contacto com o inquirido (obtenção da informação em falta) à simples anulação da entrevista (por exemplo se se verificar uma taxa de não resposta anormal em relação ao total das perguntas).
5. Os questionários aprovados pelo Departamento de campo são gravados em suporte informático, sendo elaborado um relatório por entrevistador com toda a informação relevante (como por exemplo, % de não resposta, cumprimento dos saltos, preenchimento de perguntas abertas, etc.), realizando-se, desta forma, o primeiro teste em relação à consistência e articulação da informação obtida. Os questionários com informação incorreta são devolvidos ao Departamento de campo.
6. É realizada uma supervisão de cerca de 20% do trabalho de cada entrevistador através de um novo contacto direto ou telefónico com o entrevistado. Para esse efeito, utiliza-se um questionário de supervisão cuja conceção visa verificar se foram respeitadas as indicações apresentadas em relação a: local de entrevista, método de seleção do entrevistado, condições de realização da entrevista, questionário, apresentação de listas (quando existirem) e tempo de duração da entrevista.
7. Na gravação informática dos questionários, caso existam perguntas abertas, com base em cerca de 50% de transcrição destas, são elaborados os planos de codificação respetivos (para cada pergunta deste tipo), para que estas sejam codificadas de acordo com o mesmo.
8. Já com base no ficheiro global do estudo, é feita uma validação do ficheiro informático, testando-se a consistência dos dados recolhidos a dois níveis: validação dos códigos das respostas, pergunta a pergunta, e uma validação da articulação entre as perguntas (saltos e filtros), respeitando-se a estrutura do questionário utilizado. Em caso algum são feitas correções automáticas da informação. A partir deste momento, o ficheiro informático encontra-se apto a ser tabulado e tratado com base em software concebido para o efeito.